

Departamento de História

Um Museu de Medicina na Colina de Santana?

Diana Vanessa Padrela Martins Afonso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Gestão e Estudos da Cultura

Ramo de Museologia

Orientadora:

Doutora Luísa Tiago de Oliveira, Professora Auxiliar,

Departamento de História do ISCTE- IUL

outubro, 2016

Departamento de História

Um Museu de Medicina na Colina de Santana?

Diana Vanessa Padrela Martins Afonso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Gestão e Estudos da Cultura

Ramo de Museologia

Orientadora:

Doutora Luísa Tiago de Oliveira, Professora Auxiliar,

Departamento de História do ISCTE- IUL

outubro, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, à professora Luísa Tiago de Oliveira, pela orientação e críticas construtivas ao longo do trabalho. Muito obrigada pela dedicação e interesse em ajudar, principalmente na fase final do projecto.

À professora Maria João Vaz, aos restantes professores do Mestrado e ISCTE-IUL pela transmissão de conhecimentos ao longo destes dois anos.

À Dra. Célia Pilão, por todas as visitas aos hospitais da Colina de Santana e por toda a informação e documentação importantes que me disponibilizou.

À investigadora Marta Lourenço pelo entusiasmo e incentivo à investigação do tema da dissertação.

À investigadora Cristiana Bastos e equipa do Curso de Verão da FCSH-UNL pela partilha de conhecimentos.

Por último, um agradecimento especial a todos os que, mesmo sem querer, se viram envolvidos neste projeto e contribuíram para o resultado final desta dissertação. Agradeço aos meus pais, à minha irmã, aos meus amigos e colegas de trabalho pela paciência e pelo apoio ao longo desta demanda.

RESUMO

Esta dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura desenvolve-se a partir da polémica atual em torno dos Hospitais da Colina de Santana e do destino do património histórico, artístico e científico que a envolve.

Faz sentido a criação de um museu de medicina na Colina de Santana? É o Hospital de São José o Local apropriado? No sentido de obter resposta a estas questões realizou-se um estudo, com base numa metodologia de investigação qualitativa-intensiva, de modo a compreender a importância deste património e de que forma podemos preservá-lo e divulgá-lo.

A investigação divide-se em três partes principais: primeiro aborda-se o tema dos Museus de Medicina no contexto nacional, de seguida é feita uma contextualização histórica em relação à Colina de Santana e às instituições que a habitam e, por último, é feita uma reflexão em torno da polémica da desativação dos hospitais da “Colina da Saúde”, as perspetivas de criação de um Museu de Medicina na colina e a potencialidade que o Hospital de São José possui para albergar um museu destinado ao espólio disperso pelos diversos hospitais. O património do Hospital de São José abrange um vasto conjunto de objetos técnico-científicos que contam a história da medicina, mas também alberga um valioso património artístico, desde os painéis de azulejos do século XVIII, à antiga Sacristia da Igreja e às diversas pinturas e esculturas espalhadas por vários polos do conjunto do edifício. Referimo-nos ainda a coleções existentes noutras instituições da colina: Hospital de Santo António dos Capuchos, Hospital de Santa Marta, Hospital Miguel Bombarda, Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses.

O património só se torna conhecido do público quando há uma interpretação feita que lhe é transmitida. Só assim se poderá transmitir vontade de preservar a memória do património para as gerações vindouras.

PALAVRAS-CHAVE:

Colina de Santana; Hospital de São José; Património; Coleções; Museu de Medicina

ABSTRACT

This thesis, developed under the Master on Management and Studies of Culture, arises from the current controversy surrounding the Hospitals of Santana Hill and the fate of the historical, artistic, and scientific heritage that surrounds it.

Does it makes sense to create a medical museum in Santana Hill? It is the *Hospital de São José* a suitable place? In order to get the answers to these questions we carried out a study based on an intensive qualitative research methodology, allowing us to understand the importance of this heritage and how we can preserve and disseminate it.

The research is divided into three main parts. First, we address the issue of Medical Museums in the national context, then we make a historical contextualization of the Santana Hill and institutions that inhabit it and, finally, it is made a reflection of the controversial deactivation of hospitals on the "Hill of Health", the prospects for the creation of a medical museum on the Hill, and the potential that the *Hospital de São José* has to house a museum for the sparseness estate throughout several hospitals. The assets of the *Hospital de São José* cover a wide range of technical and scientific objects that tells the history of medicine, but also have a rich artistic heritage, ranging from the panels of the eighteenth century tiles, to the old sacristy of the Church, and the several paintings and sculptures spread throughout various poles of the assembly building. It is also important to refer another collections that exist in others institutions of the hill: *Hospital de Santo António dos Capuchos*, *Hospital de Santa Marta*, *Hospital Miguel Bombarda*, *Instituto Bacteriológico Câmara Pestana* and *Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses*.

The heritage only becomes known by the public when there is an interpretation that is transmitted to the same. Only then, we can transfer willingness to preserve the memory of heritage to future generations.

KEYWORDS

Santana Hill; Hospital de São José; Heritage; Collections; Medical Museum

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS	v
GLOSSÁRIO DE SIGLAS	vi
1 INTRODUÇÃO	0
1.1 <i>Objeto de Estudo e Objetivos</i>	0
1.2 <i>Estado da Arte</i>	2
1.3 <i>Plano de Investigação e Metodologia</i>	5
1.4 <i>Limites e Potencialidades</i>	6
2 OS MUSEUS DE MEDICINA	8
2.1 <i>A evolução dos museus de saúde em Portugal</i>	8
2.2 <i>Casos de museus de saúde em Portugal:</i>	10
2.2.1 O Museu da Farmácia	10
2.2.2 O Museu de História da Medicina Maximiano Lemos	11
2.2.3 O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa	13
3 A COLINA DE SANTANA	16
3.1 <i>A Colina de Santana – Uma Colina da Saúde</i>	16
3.2 <i>Um caso particular: O Hospital de São José: Do Colégio de Santo Antão – o – Novo ao Hospital de São José</i>	17
3.2.1 O Colégio de Santo Antão-o-Novo	17
3.2.2 Dos efeitos do terramoto de 1755 e da expulsão dos jesuítas de Portugal ao Hospital de São José	21
3.3 <i>Outros Hospitais da Colina de Santana</i>	25
3.3.1 O Hospital do Desterro	25
3.3.2 O Hospital dos Capuchos	25
3.3.3 O Hospital Miguel Bombarda	26
3.3.4 O Hospital de Santa Marta	27
3.3.5 O Hospital de São Lázaro	27
3.3.6 O Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses	28
3.3.7 O Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	28
3.4 <i>As Coleções dos Hospitais da Colina de Santana</i>	30
3.4.1 O Museu Sá Penella – Coleção Dermatológica (Hospital Santo António dos Capuchos)	32
3.4.2 Coleção do Hospital Miguel Bombarda	34
3.4.3 Núcleo Museológico do Hospital de Santa Marta	35
3.4.4 Coleções do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses	35
3.4.5 Coleções do Hospital de São José	36
3.4.6 Coleções do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	36
3.4.7 Núcleo Museológico do Hospital Santo António dos Capuchos	37
4 PERSPETIVAS PARA A COLINA DE SANTANA	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6 FONTES E BIBLIOGRAFIA	48

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – COLEÇÕES DA COLINA DE SANTANA

31

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

AML	Assembleia Municipal de Lisboa
CHLC	Centro Hospitalar de Lisboa Central
DGPC	Direcção Geral do Património Cultural
FCT	Fundação para a Ciência e Tecnologia
FLUL-IHA	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Instituto de História da Arte
FMUL	Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
HCL	Hospitais Cíveis de Lisboa
HMB	Hospital Miguel Bombarda
HSAC	Hospital Santo António dos Capuchos
HSJ	Hospital de São José
HSL	Hospital de São Lázaro
HSM	Hospital de Santa Marta
IBCP	Instituto Bacteriológico Câmara Pestana
ICOM	<i>International Council of Museums</i> (Concelho Internacional de Museus)
ICOMOS	<i>International Council of Monuments and Sites</i> (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios)
INMLCF	Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses
INSA	Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge
MNAA	Museu Nacional de Arte Antiga
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objeto de Estudo e Objetivos

A ideia de realizar este projeto de investigação partiu da atual polémica de reestruturação da Colina de Santana e o conseqüente destino dos Hospitais de São José, Santa Marta, Santo António dos Capuchos, Miguel Bombarda e Desterro. Os dois últimos encontram-se já desativados e os restantes em processo de desativação até à abertura do novo Hospital de Todos os Santos.

O objeto desta dissertação compreende a interseção entre a bibliografia existente sobre a história dos hospitais e da própria Colina de Santana com os estudos e publicações acerca de museus de medicina e museologia médica. Estas informações são complementadas com dados resultantes do acompanhamento feito pela imprensa à polémica do encerramento dos hospitais e o seu futuro, bem como dos debates sobre o tema.

Como referido, esta controvérsia já levou à realização de uma sequência de debates, não só a nível administrativo e político, mas também com grande participação de opinião pública. Independentemente da questão de encerramento dos Hospitais, chegou-se à conclusão que é necessário estudar e proceder ao inventário dos bens culturais arquitetónicos, artísticos e científicos destes hospitais, a fim de se conhecer e preservar o seu valor histórico e o seu carácter identitário.

Pretende-se abordar a necessidade de estudar o património dos hospitais da Colina de Santana, em particular o Hospital de São José, para a sua interpretação e preservação. É esta interpretação que permite conseguir perceber como passar a informação correta ao público. Esta interpretação resulta de um estudo interdisciplinar que vai permitir fazer uma ligação entre o passado e o presente.

Apesar de existirem atualmente núcleos museológicos em alguns dos hospitais, estes não seguem quaisquer critérios museológicos. É o caso do núcleo museológico do Hospital dos Capuchos que, alberga, para além de objetos de cariz médico e espólio documental, uma coleção de moldes de cera de grande rigor científico e qualidade

artística, sendo um caso único no nosso país e raro no mundo. No entanto, este espaço não segue uma organização adequada e carece de divulgação pública.

Já Alberto Mac Bride, antigo cirurgião do Hospital de São José, em 1912, se preocupava com a preservação deste património: “...é por isso que eu peço para que nelle (Hospital de S. José) que possui as grandes tradições da medicina nacional, as effective e se esforce para as perdurar e que numa Sala se vão colecionando todos os objetos, livros de registo que os tem preciosos, não só para o estudo da história da medicina, mas dos costumes populares, livros antigos escritos pelos seus clínicos, papeletas, antigos ferros que possua, alguns d’invenção muito original, tudo quanto seja interessante para o estudo da evolução da medicina nacional.”¹

Mais tarde, em 2003, a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa planeou a concretização de um Museu de Medicina que pretende reunir o acervo histórico pertencente aos vários departamentos da Faculdade. Este projeto tem por filosofia base fazer uma ligação entre a ciência e a medicina com a arte e as ciências humanas. Deste modo, Manuel Valente Alves propôs organizar o museu como “um laboratório, um centro para a circulação de informação e desenvolvimento de ideias, aberto à multiplicidade de cruzamentos que a investigação interdisciplinar hoje em dia permite a partir das especificidades da arte e da ciência”². No entanto, o projeto nunca chegou a ser implementado.

Os objetivos que se pretendem atingir com esta investigação prendem-se com:

- A importância da aplicação de práticas museológicas e museográficas corretas;
- Compreender o papel dos museus de medicina na museologia em Portugal;
- Conhecer o potencial do edifício principal do Hospital de São José para reunir as coleções espalhadas pelos vários núcleos hospitalares e a sua consecutiva divulgação;
- Contribuir para futuras investigações e projetos relacionados com a criação de um Museu que reúna o espólio a preservar dos Hospitais da Colina de Santana.

¹MAC-BRIDE, Alberto, “Atualidades – A História da Medicina em Portugal”, in *A Medicina Contemporânea*, Ano 30, nº7, fevereiro 1912.

²ALVES, Manuel Valente, “O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa”, in *Circulação*, ed. Manuel Alves e António Barbosa, Lisboa, Museu de Medicina da FMUL, 2004, p. 16.

Eis algumas das questões que foram surgindo ao longo da investigação e que se procuram esclarecer neste trabalho.

Qual é a situação em termos museológicos em cada um dos hospitais da Colina de Santana?

Que perspectivas existem sobre a criação de um museu na Colina de Santana (qual a história da luta a favor do museu e quais as resistências à criação de um museu)?

Que sentido tem a criação de um museu (e porquê no Hospital de São José)?

Que fatores contribuem para a criação de um Museu de Medicina? A quem se destinam? Que sentido faz um museu que não está aberto ao público em geral?

1.2 Estado da Arte

Ana Delicado³ faz um percurso pelo panorama dos museus dedicados à medicina em Portugal, considerando-os entre os museus de história natural e os museus de história da ciência. Considera ainda que a maior parte destes museus surgem a partir de coleções universitárias e de coleções particulares, destinando-se principalmente ao complemento do ensino da prática da medicina.

A criação de museus de saúde e medicina na Europa está intimamente ligada ao ensino e às práticas de investigação em ciências da saúde. Foi no século XVIII começaram a surgir os primeiros museus, a partir de espólios de universidades, de coleções privadas e associações e corporações profissionais⁴. Inicialmente consistiam em coleções de anatomia constituídas por moldes de cera que representavam partes do corpo humano de forma realista, e mais económica do que a conservação dos órgãos humanos⁵. Utilizados como apoio ao ensino da medicina, estes museus destinavam-se aos estudantes de medicina e investigadores.

³ DELICADO, Ana, *A Musealização da Ciência em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.

⁴ Ibidem, p.157.

⁵ JORDANOVA, Ludmilla, "Objects of Knowledge: a Historical Perspective on Museums" in *The New Museology*, ed. Peter Vergo, London, Reaktion Books, 1989, p.35.

Segundo o ICOM (International Council Museums), organismo internacional que elabora definições de Museu desde 1946⁶, os museus de medicina estão integrados na tipologia dos “Museus Científicos”, fazendo parte da sub-tipologia “Museus de Ciência e Tecnologia”⁷. Sónia Castro Faria classifica os Museus de Medicina em cinco grupos: Museus de Medicina Biográficos, Museus de Medicina Monográficos, Museus de Medicina de Memória Institucional, Museus de História das ciências Médicas e Museus que encerram coleções de Medicina.

Ainda no contexto da “museologia médica” foi recentemente publicada a obra “Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal,”⁸, organizado por António Fernando Cascais, de onde destacamos o texto “A compreensão dos objetos visuais enquanto entidades museológicas: uma reflexão a partir do museu da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra”, onde é feita uma análise dos objetos visuais médicos e da sua função museológica, tendo em conta o valor “patrimonial/museológico” e a necessidade de preservação. Segundo Joana Fernandes, estes objetos “concentram mais do que um significado e são relevantes na medida em que são não só espécimes laboratoriais, como encerram em si o poder de representar e de sugerir a possibilidade e a capacidade de intervenção, reveladora e reparadora sobre o corpo humano.”⁹

É no final do século XVIII, durante a revolução francesa, que surge o conceito de “monumento histórico”, associado à necessidade de proteção dos monumentos face aos ataques de vandalismo e destruição material do passado ligado à igreja e à monarquia. Françoise Choay é uma referência fundamental nesta temática. Em “A Alegoria do Património” a autora refere-se ao património histórico como “um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a

⁶ Segundo a última definição, de 2007 “o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.”

⁷ FARIA, Sónia Castro, *O objeto e os Museus de Medicina*, Tese de Mestrado em Museologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, p.63.

⁸ CASCAIS, António Fernando (org.), *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal*, Lisboa, CECL/ UNILEYA, 2014.

⁹ FERNANDES, Joana Pires, “A Compreensão dos objectos visuais enquanto entidades museológicas: Uma reflexão a partir do museu da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra” in CASCAIS, António Fernando (org.), *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal*, Lisboa, CECL/ UNILEYA, 2014.

sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos.”¹⁰

A bibliografia existente sobre a Colina de Santana, por sua vez delimitada fisicamente pela Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis, não é muito vasta. É de salientar, no entanto, o estudo de Ana Maria Salta que remete para a evolução deste espaço durante a Modernidade¹¹. José Leone dá, em 1993, dá um importante contributo para o estudo do património hospitalar da Colina com a publicação da obra *Subsídios para a História dos Hospitais Civis de Lisboa e da Medicina Portuguesa(1948-1990)*¹². Já sobre o edifício do Hospital de São José e a sua história, Eduardo Sucena escreveu, em 1999, um artigo¹³ onde descreve a sua evolução desde a construção do edifício que iria albergar a Companhia de Jesus, sendo que o edifício teve várias fases de construção (e destruição, com o Terramoto de 1755), como se irá explanar mais à frente.

Como consequência de toda polémica em torno do futuro dos edifícios hospitalares, a Assembleia Municipal de Lisboa realizou um Debate Temático sobre a Colina de Santana entre 10 de dezembro de 2013 e 11 de março de 2014, com a possibilidade de intervenção do público, dividido em cinco sessões, sendo o tema central a preservação da memória daquela que é considerada a “Colina da Saúde”¹⁴. Aqui, historiadores como Vítor Serrão, José Sarmiento de Matos, Simonetta Luz Afonso e Raquel Henriques da Silva, alertaram para a necessidade da preservação do património da Colina e para a criação de um espaço que reunisse os espólios dispersos pelas várias unidades de saúde. Segundo a Secção de História da Medicina da Sociedade

¹⁰ CHOAY, Françoise, *A alegoria do património*, Lisboa, Edições 70, 2008, p. 11.

¹¹ SALTA, Ana Maria. *Factores Estruturantes da Colina de Santana em Lisboa, séculos XIV a XVII*, Dissertação de mestrado em Desenho Urbano, Lisboa, ISCTE, 2001.

¹² Leone, José. *Subsídios para a História dos Hospitais Civis Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948- 1990*”, Ed. da Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os- Santos, Lisboa, 1992.

¹³ SUCENA, Eduardo, *De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José*, in: *Olisipo*, 2ª Série, nº 9, Jun. 1999.

¹⁴ SILVA, Rosa Carvalho, et al., *Debate Temático sobre a Colina de Santana – Relatório final da Assembleia Municipal*, Lisboa, AML – Debater Lisboa, 2014, acessível em: <http://www.am-lisboa.pt/documentos/1404671977I4aOU6sw9Cv06HX4.pdf>

de Geografia de Lisboa¹⁵, é necessário preservar o património móvel dos núcleos museológicos que foram sendo desenvolvidos ao longo dos anos:

- Museu dos Hospitais Cívicos de Lisboa – Dr. Alberto Mac-Bride;
- Museu da Dermatologia Portuguesa – Dr. Luís Sá Penella;
- Núcleo Museológico do Hospital de S. António dos Capuchos;
- Núcleo Museológico do Hospital Miguel Bombarda (Pavilhão de Segurança/ Enfermaria Museu);
- Museu de Anatomia da Escola Médico-Cirúrgica;
- Núcleo Museológico do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana;
- Núcleo Museológico do Instituto Oftalmológico Gama Pinto;
- Coleções da Escola de Enfermagem Artur Ravara;
- Espólio dos arquivos e bibliotecas.

1.3 Plano de Investigação e Metodologia

Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre as diversas temáticas em que se centra a investigação, especificamente sobre museus científicos, bem como sobre património e identidade cultural. Também foram procurados elementos sobre o espaço a estudar. Esta pesquisa tem como base arquivos, documentos periódicos e não periódicos.

A metodologia de investigação utilizada neste projeto teve por base a análise documental e a realização de uma entrevista, sendo que a avaliação e o acompanhamento do desenvolvimento do processo através da comunicação social é essencial para fundamentar e complementar o estudo, sendo de realçar o “Debate Temático da Colina de Santana” organizado pela Assembleia Municipal de Lisboa.

¹⁵SERRÃO, Vítor, “O património artístico dos hospitais da Colina de Santana: imperativo de salvaguarda”, in *Colina de Santana: existem alternativas – Debate Cívico*, org. ICOMOS Portugal, ICOM Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa e Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, Lisboa, 29 março 2014.

Com objetivo de alcançar respostas que não seriam possíveis obter através da pesquisa bibliográfica e análise documental, pretendemos recorrer à entrevista com base num guião semi-estruturado de orientação.

Para estas entrevistas contactaram-se pessoas que, sendo de áreas distintas, estão relacionadas com a temática da Museologia e do Museu de Medicina e obtivemos uma entrevista com a Dr.^a Célia Pilão, administradora do Centro Hospitalar Lisboa Central, que está envolvida em projetos de investigação e inventariação do património dos hospitais do Centro Hospitalar Lisboa Central.

A investigação passou ainda por um trabalho de campo, através da participação no curso “Vida e Morte em Lisboa: O Património da Saúde na Cidade”, uma colaboração entre a Escola de verão da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, entre 6 e 10 de julho de 2015. Aqui, foram realizadas visitas de estudo ao património hospitalar da Colina de Santana, onde se conseguiram obter informações que não seria possível alcançar através da pesquisa bibliográfica.

1.4 Limites e Potencialidades

As potencialidades desta investigação, à semelhança do que já foi apresentado nos objetivos, prendem-se com:

- A importância de dar a conhecer o património para que possa ser preservado e valorizado;
- A potencialidade do edifício principal do Hospital de São José como complexo cultural para reunir as coleções dispersas pelos vários núcleos hospitalares;
- A mais valia para futuras investigações e projetos relacionados com a criação de um Museu que reúna o espólio dos Hospitais da Colina de Santana.

Os limites à investigação residem principalmente na dificuldade em conseguir ter acesso a todo o espólio científico e artístico da colina que ainda está por inventariar e estudar.

2 OS MUSEUS DE MEDICINA

2.1 A evolução dos museus de saúde em Portugal

Os museus que se dedicam às ciências médicas são instituições que se destinam à preservação e à exibição de objetos que se relacionam com a história da saúde e a prática da medicina. As suas coleções podem ir desde objetos representativos do exercício da medicina a coleções de modelos anatómicos humanos conservados, o que faz com que se possam assemelhar, por um lado, aos museus de ciências e, por outro, aos museus de história natural.

A criação de museus de saúde em Portugal está intimamente ligada ao ensino e às práticas de investigação em ciências da saúde e às suas escolas, com a criação de escolas de medicina a partir do século XVIII¹⁶. Inicialmente consistiam em coleções de anatomia, que englobavam moldes de cera representando partes do corpo humano de forma realista. Estes moldes eram utilizados para fins didáticos, dada a proximidade ao real em relação à conservação do tecido humano verdadeiro.

Em 1835 a Sociedade de Ciências Médicas projetou o primeiro museu da história da medicina, em Lisboa, com base em objetos doados por profissionais de medicina da época, embora nunca tenha tido sido concretizado por não se terem encontrado as instalações adequadas.

O Gabinete e Museu Anatómico da Escola do Porto foi pioneiro neste mundo da musealização da medicina em Portugal¹⁷. Criado por Vicente José de Carvalho e por Bernardo Joaquim Pinto em 1837 e, adaptado em 1911 por Pires de Lima e Hernani Monteiro, ocupa atualmente cinco salas do Hospital de São João do Porto e recebe principalmente estudantes da área da saúde e do ensino secundário.

Também em 1865, é criado na Faculdade de Medicina de Coimbra o Museu de Anatomia Patológica com peças pertencentes ao teatro anatómico pombalino.

¹⁶ Em 1772 é criada a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, pioneira. Em 1825 surge a Escola Régia de Cirurgia de Lisboa ligada ao Hospital de São José e a Escola Régia de Cirurgia do Porto associada ao Hospital de São João. Em 1911, com a reforma republicana, são transformadas na Faculdade de Medicina de Lisboa e Faculdade de Medicina do Porto, respetivamente.

¹⁷ DELICADO, Ana, *A Musealização da Ciência em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009, p.158.

O médico Francisco Stromp impulsionou a criação do Museu dos Hospitais Cíveis de Lisboa em 1918, com espólio no Hospital de Santo António dos Capuchos. Em 1955, pertencente ao núcleo dos Hospitais Cíveis de Lisboa, foi criado o Museu de Dermatologia Dr. Sá Penella, tema que será explorado mais adiante.

Ligado à história e ao património histórico da medicina, foi fundado no Porto em 1933, o Museu de História da Medicina Professor Maximiano Lemos, em homenagem ao primeiro professor catedrático de História da Medicina em Portugal. Projetado por Luís de Pina, começou com um conjunto de peças que fizeram parte de uma exposição comemorativa do primeiro centenário da Escola Régia de Cirurgia do Porto, realizada em 1925 no Palácio de Cristal. O museu alia a museologia e a pedagogia, ao mesmo tempo que salvaguarda o património histórico. Mantem-se atualmente aberto ao público no Hospital de S. João no Porto.

Também o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA), em Lisboa, organizou um museu que se destina a promover a cultura da saúde e a preservar o património histórico da saúde, orientado para a sensibilização do tema da higiene e da saúde pública. Este museu tem uma forte componente virtual, através de uma plataforma onde estão disponíveis as coleções do Museu da Saúde¹⁸.

Os museus de medicina ou de saúde estão, assim, maioritariamente ligados a instituições de ensino, a espaços e a profissionais de saúde. Destinam-se sobretudo à salvaguarda do património histórico e ao ensino. No entanto, é de notar que muito poucos se mantiveram abertos ao público por períodos de tempo prolongado.

Estes museus não estão apenas ligados às ciências médicas, estendem-se também à área farmacêutica. Nesse contexto é de considerar o Museu da Farmácia, tutelado pela Associação Nacional das Farmácias, sobre o qual nos iremos debruçar seguidamente.

¹⁸ <http://museudasaude.inwebonline.net/>, consultado a 20 de outubro de 2016.

2.2 Casos de museus de saúde em Portugal:

2.2.1 O Museu da Farmácia

Ainda que nas Faculdades de Farmácia portuguesas existam pequenas coleções museológicas com espólio relacionado com o património farmacêutico, estes não estão abertos ao público em geral.

As condições para a criação de um museu da história farmacêutica começaram a ser favoráveis com a fundação da Sociedade Farmacêutica Lusitana, em 1835¹⁹.

A realização de congressos sobre várias temáticas da história farmacêutica, a partir de 1940, assim como a criação de museus desta matéria noutros países da Europa, tornavam forte esta ideia. Contribuíram ainda as doações de peças de valor patrimonial por parte de vários farmacêuticos à Faculdade de Farmácia, ao Grémio Nacional das Farmácias, à Ordem dos Farmacêuticos e à Sociedade Farmacêutica Lusitana. Embora se vivesse na época um período de exaltação do valor do património histórico pelo regime do Estado Novo, fatores de ordem política, logística e financeira conduziram ao adiamento da materialização do projeto.

Em 1980, o farmacêutico Carlos Salgueiro Basso dá mais um passo na concretização do museu, doando a sua coleção particular ao projeto para preservar e valorizar a atividade farmacêutica. A partir daí, a Associação Nacional das Farmácias solicitou aos seus associados que doassem objetos com valor histórico para a constituição de um museu e uma biblioteca para preservar o património em vias de desaparecimento devido à evolução tecnológica. Começaram também a ser adquiridas peças em leilões e em coleções privadas.

Foi necessário um projeto de recolha e inventariação “para salvar todos os testemunhos importantes da atividade farmacêutica que existiam nas farmácias portuguesas; organizar conjuntos explícitos e coerentes que permitissem uma cabal reconstituição da história da profissão farmacêutica, principalmente no que diz respeito

¹⁹ Coincidiu com a época da extinção das Ordens Religiosas em Portugal e a consequente vaga de “libertação” dos espaços por elas ocupados.

à dispensa de medicamentos; expor num museu, em condições dignas, o espólio recolhido”²⁰.

Toda a organização ficou a cargo de Paula Basso e João Neto. O Museu ficou instalado no Palácio de Santa Catarina, palacete oitocentista no centro histórico de Lisboa, mandado construir por José Pedro Colares Pereira, depois de 1862²¹. O museu abrange 5000 mil anos da história da saúde através de peças originárias de várias civilizações do mundo, desde a antiguidade, de modo a abranger toda a história da humanidade. O museu alberga objetos de grande raridade, como a “pedra filosofal”, que se considerava dar a vida eterna na Índia do século XVI. Estão também expostas quatro farmácias em tamanho real desde o século XVIII ao século XX. A farmácia *Tai Neng Tong* de Macau dos Finais do século XIX pode ser considerada o *ex-libris* da coleção pelo facto de ser uma das mais antigas e de provir de uma ex-colónia portuguesa. O diretor do Museu, João Neto, conseguiu, através de negociações com a NASA e a Agencia Espacial Federal Russa, adquirir uma farmácia portátil utilizada no espaço.

O Museu da Farmácia está em constante ampliação e desenvolvimento, tendo como objetivo mostrar ao público de forma apelativa a atividade desenvolvida pelas farmácias e a sua importância na história da humanidade. O projeto tem obtido vários prémios, como o de Melhor Museu Português, atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia durante três anos consecutivos, desde a sua inauguração, em 1996, e *Melhor Projecto Farmacêutico* atribuído em 1999 pela Revista *Farmácia e Distribuição*.

Do Museu faz ainda parte uma loja e um o restaurante *Pharmacia*, que o ajudam a atrair público ao Museu e o poderá introduzir nos roteiros turísticos.

2.2.2 O Museu de História da Medicina Maximiano Lemos

O Museu de História da Medicina Maximiano Lemos foi fundado em 1933, pelo médico e professor Luís de Pina, ciente da “necessidade de preservação do património

²⁰ NETO, João, 2000, “História do Museu da Farmácia: o início”, in *Museu da Farmácia – Farmácia Portuguesa, 5000 de história da saúde*, ed. ANF, Lisboa, ANF, p. 10.

²¹ Teve posteriormente várias utilizações até ser comprado no final do Século XX e aí instalou vários serviços até incluir o Museu da Farmácia.

médico e da responsabilidade pedagógica universitária na formação médico-histórica do estudante de medicina”²². Luís de Pina foi sucessor do professor Maximiano Lemos no ensino da história da Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP).

Foi a exposição médico-histórica realizada em 1925 no Palácio de Cristal, em comemoração do centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto, que originou a criação do Museu de Medicina. Após a exposição, um conjunto dos objetos foi oferecidos pelos proprietários à FMUP, sendo que a este conjunto se foram associando outras peças que se encontravam dispersas pelos diversos departamentos da Faculdade, tais como instrumentos médicos, equipamento, modelos anatómicos, materiais didáticos, objetos pessoais de docentes da faculdade, retratos, elementos relativos à vida académica, para além de livros e documentos médicos.

O então diretor das obras de restauro e ampliação da faculdade, Professor Abel Salazar, criou um espaço com as condições necessárias à instalação do Museu num espaço da Faculdade e a organização da exposição das peças e de novas aquisições ficou a cargo do Professor Luís de Pina.

Em 1959/60 o museu é transferido das iniciais instalações, no Hospital de Santo António, para o Hospital de S. João. Situa-se desde então no sexto piso do novo edifício comum à Faculdade de Medicina e ao Hospital de S. João. A exposição está organizada de acordo com um critério cronológico, indo desde a Pré-História à atualidade. Cada uma das sete salas do museu homenageia um professor da Escola Médica do Porto associado à História da Medicina.

A coleção, que tem vindo a ser formada por sucessivas doações de particulares e instituições ligadas à medicina, é composta por um vasto e diversificado acervo: desde pinturas, desenhos, caricaturas, esculturas, fotografias, peças de ourivesaria, medalhística, a instrumentos, aparelhos e equipamento médico e cirúrgico, objetos de farmácia, manuscritos e livros médicos²³.

²² Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, *Museu de História da Medicina Maximiano Lemos – Catálogo*, Porto, Shering Lusitana, 2003 in DELICADO, Ana, “Museus de Medicina em Portugal” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 105.

²³ www.museumaximianolemos.med.up.pt.

2.2.3 O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

A ideia de criar um Museu de Medicina pertencente à Universidade de Lisboa surge em 2003, quando João Martins e Silva, na altura diretor da Faculdade de Medicina, tem a iniciativa de reorganizar o Núcleo Museológico²⁴, com o objetivo de inventariar e preservar o património técnico, científico e artístico que faz parte da instituição. Algumas destas peças já tinham pertencido à Escola Medico-Cirúrgica de Lisboa, fundada em 1836.

Em 2004 é apresentado um projeto para a criação do Museu de Medicina e em fevereiro do ano seguinte é autorizada a transformação do Núcleo Museológico em Museu de Medicina. O museu teve como espaço provisório o edifício principal da Faculdade, tendo como diretor responsável pela reorganização das coleções e pela coordenação das atividades ligadas ao futuro Museu, Manuel Valente Alves²⁵. Neste sentido, pretendeu-se reorganizar, inventariar e catalogar o património histórico que, desde o século XIX, pertence à Faculdade de Medicina, e que estava dividido por vários institutos, centros de investigação, clínicas, o próprio edifício do Hospital de Santa Maria e o edifício Egas Moniz.

Este projeto tem por filosofia base fazer uma ligação entre a ciência e a medicina com a arte e as ciências humanas. Deste modo Manuel Alves propõe-se a organizar o museu como “um laboratório, um centro para a circulação de informação e desenvolvimento de ideias, aberto à multiplicidade de cruzamentos que a investigação interdisciplinar hoje em dia permite a partir das especificidades da arte e da ciência”²⁶. O museu tem como missão a promoção da cultura científica e médica e a conservação e preservação do património histórico-científico e artístico da faculdade.

O critério de escolha dos objetos a expor no museu baseia-se na importância e no impacto de cada peça no contexto da medicina da sua época e na história da sua

²⁴ Património que foi reunido pelas várias unidades estruturais, sendo, através dos meios disponíveis, preservado e guardado, dando origem a pequenos núcleos museológicos especializados, entre objetos científicos e obras de arte.

²⁵ Corregente da disciplina de História da Medicina da FMUL desde 2008 e artista plástico, tendo realizado várias exposições individuais e participado em mais de 40 exposições coletivas.

²⁶ ALVES, Manuel Valente, “O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa”, in *Circulação*, ed. Manuel Alves e António Barbosa, Lisboa, Museu de Medicina da FMUL, 2004, p.16.

utilidade e o conhecimento a esta associado, de forma a tornar interativa a ligação entre a peça e o seu observador, quer seja ele um entendido ou apenas um curioso.

O facto de se pretender complementar a cultura técnico-científica com a vertente humanística permite alargar o público do museu: para além do público especializado, na área das ciências e das artes, permite dar a conhecer ao cidadão comum a representação da medicina na vida humana e de alguma forma as repercussões da evolução da ciência na vida humana.

Este museu distingue-se da noção tradicional de “Museu Templo”, típico dos museus do século do XIX, onde o silêncio e a reflexão se associa à contemplação de objetos de “artes maiores” destinados a um público restrito, promovendo um certo elitismo. Estamos perante um museu que se assume como um lugar de memória, de experiência e de ensino, de questionamento e de interatividade, com a possibilidade de ligar as coleções técnico-científicas com coleções de arte e, deste modo dar a conhecer a medicina, não só como uma ciência, mas também como uma forma de arte.

O Museu de Medicina não têm ainda um espaço físico, apesar de existir um projeto arquitetónico enquadrado numa política de renovação do espaço do Hospital de Santa Maria. No entanto, para a divulgação das coleções e das atividades promovidas por este projeto, foi criada uma página *on-line*²⁷ do museu onde é possível aceder a informação sobre o museu, as suas coleções e exposições realizadas.

Em 2005 realizou-se a primeira exposição organizada pelo museu, denominada “Passagens, 100 peças para o Museu de Medicina”, em parceria com o Museu Nacional de Arte Antiga, onde obras de arte conviveram em harmonia com as “100 peças” de cariz técnico-científico. Desde essa altura o museu tem realizado diversas exposições em parceria com outras instituições, com objetivo de ajudar a promover o objeto médico noutros contextos sociais, em relação com a arte.

A primeira exposição do Museu em parceria com o Museu Nacional de Arte Antiga, tal como o próprio nome “Passagens” sugere, marca um importante momento na consolidação da estrutura do programa museológico desta instituição. O espaço do MNAA vai funcionar como um espaço de passagem inovador, onde os objetos científicos pertencentes aos vários núcleos da Faculdade de Medicina interagem com pinturas, esculturas e artes decorativas, funcionando como lugar de experiência

²⁷ <http://www.museudemedicina.fm.ul.pt>, visitado a 7-10- 2016.

multidisciplinar. Deste modo, a exposição pretendeu provocar a reflexão dos seus visitantes e promover o debate em torno do entendimento da medicina como uma forma de arte. Foi também uma forma de promoção do projeto do Museu de Medicina, na sua fase inicial, de mostrar à comunidade que é possível existir um museu que conte a história da medicina através da interligação entre ciência e arte.

O sucesso desta parceria deu origem à realização de exposições posteriores, com outras instituições como parceiras, como é o caso das exposições²⁸ em conjunto com a Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, em que foram expostos desenhos anatómicos provenientes da coleção do Museu de Medicina, realizados por alunos da FMUL, juntamente com desenhos da autoria de Arpad Szenes e de Maria Helena Vieira da Silva, que sempre se interessou por anatomia, chegando a frequentar disciplinas de anatomia na Faculdade de Medicina. Está presente nesta exposição o confronto entre o desenho anatómico como estudo científico e a representação do corpo humano do ponto de vista artístico.

O museu estabelece ainda parcerias com outras entidades, com o objetivo de entender melhor o património e fazer com que a divulgação e exposição das suas coleções contribua para familiarização da comunidade com o objeto médico. Estas parcerias são feitas através da colaboração na organização de exposições ou através do empréstimo de peças das coleções para exposições de outras organizações.

²⁸ Entre maio e setembro de 2011, ocorreu a exposição *Gabinete de Anatomia – Arpad, Vieira e os seus desenhos anatómicos do Museu de Medicina*, na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, em Lisboa, com o apoio da Reitoria da Universidade de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian; entre abril e maio de 2012, decorreu a exposição “*Gabinete de Anatomia – Arpad, Vieira e os desenhos anatómicos do Museu de Medicina*” na Casa-Museu Abel Salazar da Universidade do Porto.

3 A COLINA DE SANTANA

3.1 A Colina de Santana – Uma Colina da Saúde

A Colina de Santana ocupa aproximadamente 183 hectares, estando situada entre duas das principais artérias da cidade de Lisboa: a Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis. Está ligada às ciências da saúde desde o século XIV, com a criação da Leprosaria de São Lázaro e com a construção do Hospital Real de Todos-os-Santos, no século XV. Após o terramoto de 1755, o Hospital Real de Todos-os-Santos fica completamente destruído e vai ocupar o Colégio de Santo Antão-o-Novo, que pertencera à Ordem de Jesus, que fora expulsa de Portugal.

Com o fim das ordens religiosas, muitos dos conventos desativados deram lugar a centros hospitalares, herdando o património religioso que lá se encontra. É durante o século XIX que, com o reordenamento dos Hospitais, vão ocupar antigos conventos o Hospital do Desterro, Arroios, Santa Marta e Capuchos. E, construídos de raiz, surgem o Hospital da Estefânia e o Hospital Miguel Bombarda. Devido à concentração de hospitais nesta zona, também aqui se foram instalando instituições de ensino e investigação da medicina associadas aos hospitais, como a Escola Médico-Cirúrgica, hoje Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana, o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, o Instituto Central de Higiene e o Instituto Oftalmológico Gama Pinto. Para além da valia arquitectónica, estes edifícios preservam património científico e artístico, entre instrumentos, moldes de cera, painéis azulejares, esculturas e pinturas que possuem um enorme valor e que são únicos no nosso país²⁹. Apesar de existirem espaços classificados como o Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos, o Museu Dr. Alberto Mac Bride, estes não seguem qualquer critério museológico e são desconhecidos do público.

²⁹ SERRÃO, Vítor, “O património artístico dos hospitais da Colina de Santana: imperativo de salvaguarda”, in *Colina de Santana: existem alternativas – Debate Cívico*, org. ICOMOS Portugal, ICOM Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa e Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, Lisboa, 29 março 2014.

3.2 Um caso particular: O Hospital de São José: Do Colégio de Santo Antão – o – Novo ao Hospital de São José

O edifício do atual Hospital de São José começou a ser construído no século XVI, para o abrigo da Companhia de Jesus, quando o velho colégio de Santo Antão já não tinha capacidade de albergar o crescente número de alunos. Começado a ser construído a 11 de maio de 1579 este projeto nunca esteve verdadeiramente concluído, sendo continuado depois da sua inauguração³⁰. Fortemente afetado pelo terramoto de 1755, o que anteriormente era o Colégio de Santo Antão-o-Novo perdeu a sua igreja onde se encontrava, segundo Eduardo Sucena³¹, a mais bela sacristia barroca em Portugal. Após a retirada dos Jesuítas este edifício foi transformado em hospital, substituindo o Hospital Real de Todos-os-Santos, no Rossio, que ficou completamente destruído pelo terramoto.

3.2.1 O Colégio de Santo Antão-o-Novo

O Colégio da Companhia de Jesus foi mandado construir pelo Cardeal D. Henrique em 1579 em substituição do Colégio de Santo Antão-o-Velho, que ficou conhecido como *Coleginho*. Apesar da mudança, os jesuítas continuaram a dedicá-lo ao mesmo patrono, Santo Antão Abade.

Desde o início da construção do colégio vários acontecimentos tornaram a formação deste edifício uma obra conturbada, tendo várias etapas de edificação. Os conflitos entre a população e a Ordem de Jesus retardaram o desenvolvimento inicial dos trabalhos no local, uma vez que os habitantes se tinham revoltado contra a ordem, atribuindo aos jesuítas o desfecho da batalha de Alcácer-Quibir³². Assim, a população não concordava com a edificação naqueles terrenos, apesar do alvará régio. Por outro lado, a conjuntura económica pós-batalha de Alcácer-Quibir não era compatível com a grandiosidade pretendida pelo Cardeal.

³⁰ SUCENA, Eduardo, “De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José”, in: *Olisipo*, 2ª Série, nº 9, Jun. 1999, p. 22.

³¹ *Ibidem*, p.29.

³² Dizia-se que D. Sebastião se tinha aconselhado com os mestres da ordem antes da sua partida.

A planta inicial, realizada por Baltasar Álvares com o apoio dos padres Silvestre Jorge e José Valeriano e o arquiteto Filipe Terzi, que incluía sete pátios interiores, faria do convento um dos maiores da Europa. No entanto, este projeto revelou-se demasiado ambicioso para a Ordem e é o padre Silvestre Jorge quem vai acabar por traçar uma planta mais realista mas, ainda assim, imponente.

Embora por concluir, o edifício é inaugurado a 8 de novembro 1593³³. Apenas com um terço do edifício pronto, o colégio permitiu o acesso a alunos de todos os estratos sociais. Iniciou-se aqui o sistema de ensino gratuito em Portugal. Chegaram a estar no Colégio de Santo Antão-o-Novo 2500 alunos.

As obras de construção do edifício continuaram durante o século XVII e obtiveram um grande apoio financeiro da Coroa, graças à aceitação que o reitor do colégio, padre João Baptista Carbone, teve junto de D. João V. Nesta altura construíram-se mais dormitórios, para além de serem feitos alguns melhoramentos no edifício.

Ainda durante o século XVII, começou a ser construída a igreja do colégio, por um discípulo de Filipe Terzi. A igreja foi construída em homenagem a D. Filipa de Sá, Condessa de Linhares. Após a morte do marido e do irmão, a Condessa de Linhares herda uma grande fortuna e decide doar grande parte do dinheiro para a construção de uma grandiosa igreja no Colégio da Ordem de Jesus, que se encontrava ainda em construção. A Condessa propõe ser padroeira da igreja e impõe a existência de onze capelães residentes. Assim sendo, deixa acordado em testamento a doação dos seus bens à igreja e o desejo de ser sepultada na capela-mor, com missas diárias, rezadas e cantadas por clérigos.

Em janeiro de 1613 é iniciada a construção, com a presença de Terzi e a Condessa de Linhares. Em 31 de julho de 1652, dia de Santo Inácio de Loyola é celebrada a primeira missa na igreja³⁴, das mais sumptuosas da época em Lisboa. Com uma frontaria em pedra lioz, o templo, com uma nave de plana retangular, estava dividido em dois andares pelo entablamento de um friso dórico. Sobre o terraço lajeado que cobria a abóbada, “erguia-se sobre o cruzeiro o zimbório da cantaria com oito

³³ SUCENA, Eduardo, “De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José”, in: *Olisipo*, 2ª Série, nº 9, Jun. 1999, p.21.

³⁴ *Ibidem*, p. 22.

grandes janelas, revestido interiormente de mármore de cores, apainelados e lavrados”, segundo descreve Eduardo Sucena³⁵.

De cada lado da nave central distribuíam-se três capelas com vãos em arco perfeito. Em torno de toda a nave central, segundo sugestão da Condessa de Linhares, foram mandadas construir estátuas dos doze apóstolos em tamanho natural, erguidas sobre pilares. As estátuas de S. Francisco Xavier e S. Francisco de Borja ocupavam os topos. O primeiro do lado do Evangelho e o segundo do lado da epístola.

Em relação à cobertura da igreja, apesar de não haver referências, e pelo facto de ter sido completamente destruída na altura do terramoto de 1755, há indícios de que o teto era de madeira pintada. Este era o local em que se encontrava também sepultado Francisco de Sá, irmão da Condessa de Linhares e as suas relíquias.

Por seu lado, segundo o mesmo autor, o túmulo da condessa, executado em mármore branco ostentadamente decorado e suportado por dois leões, encontrava-se na capela-mor. Sabe-se que esta foi construída com pedras das pedrarias dos arredores de Lisboa e que era coberta da tradicional abóbada de canhão com tramos formados por caixotões.

Quando se começou a trabalhar no altar da capela-mor os jesuítas utilizaram pedra italiana, vinda de Génova, para a realização do retábulo, contrariando o retábulo de talha dourada que era normalmente utilizado à época nas igrejas tradicionais. Em 1696 foram acrescentadas à igreja duas torres sineiras e uma sacristia.

A entrada na antiga sacristia, hoje Capela do Hospital de São José, é feita através de um imponente portal armoriado, ladeado por duas grandes colunas salomónicas feitas em mármore trabalhado proveniente da Arrábida, de capitéis compostos e por pilastras estriadas. Sobre o entablamento duas aletas curvas contornam as armas da Condessa de Linhares, D. Filipa de Bragança.³⁶

A sacristia que, ao contrário da igreja, sobreviveu ao terramoto de 1755, foi construída nos finais do século XVII, entre 1696 e 1700, na sequência das obras financiadas pela Condessa de Linhares, sendo atribuída a sua autoria, segundo Eduardo Sucena, ao arquiteto régio João Antunes. De planta regular, o seu pavimento interior é

³⁵ SUCENA, Eduardo, De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José, in: *Olisipo*, S.2, nº 9, Jun. 1999, p. 27.

³⁶ *Ibidem*.

formado por mármore preto e branco com embrechados policromos. Todo o seu interior é revestido em mármore, tendo pilastras adossadas colunas compósitas adossadas à cabeceira ao estilo barroco. Do mesmo modo, toda a sacristia apresenta características de arquitetura barroca, desde o interior à cobertura em abobada de volta perfeita, marcada por caixotões almofadados em relevo³⁷.

Estão expostas na sacristia oito esculturas em nichos, sendo que quatro delas representam as Virtudes Cardeais e as Virtudes Teológicas: Prudência, Justiça, Fortaleza, Temperança e Fé, Esperança e Caridade³⁸.

Os dois retábulos no interior da sacristia foram atribuídos por Ayres de Carvalho³⁹ a João Frederico Ludwig pela semelhança com os retábulos dos portais de Ludwig no Convento de Mafra. Segundo a descrição de Eduardo Sucena, são representações de Santo Inácio de Loyola: “no topo anterior escrevendo em Manresa, Catalunha (1522-23) os seus Exercícios Espirituais sob a inspiração de Nossa Senhora com o Menino e anjos; e, no posterior, tendo a visão de Cristo.”⁴⁰ Todos os mármore usados na construção dos retábulos foram mandados vir de Itália pelo mestre de obras João Baptista Corvo⁴¹.

Uma grande parte das paredes laterais está revestida com pinturas que representam cenas da vida da Nossa Senhora e de Jesus Cristo. Todo esse conjunto de pinturas foi também atribuído, segundo Ayres de Carvalho, a João Antunes.

Também no Salão Nobre, de forma octogonal, está presente o estilo Barroco que se assemelha ao de João Antunes. Toda a sala foi revestida a mármore policromo, com pilastras nos vértices da sala.

³⁷ SUCENA, Eduardo, De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José, in: *Olisipo*, S.2, nº 9, Jun. 1999, p. 29.

³⁸ Leone, José. *Subsídios para a História dos Hospitais Cíveis Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948- 1990*”, Ed. da Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os- Santos, Lisboa, 1992.

³⁹CARVALHO, A. Ayres de, *D. João V e a Arte do Seu Tempo*, Vol. II, Lisboa, ed. do autor, 1962.

⁴⁰ SUCENA, Eduardo, De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José, in: *Olisipo*, .2, nº 9, Jun. 1999, p. 29.

⁴¹ *Ibidem*.

3.2.2 Dos efeitos do terramoto de 1755 e da expulsão dos jesuítas de Portugal ao Hospital de São José

O grande terramoto de 1 de novembro de 1755 veio a destruir o Hospital Real de Todos-os-Santos, que já em 1750 tinha sido atingido por um grande incêndio que quase o arruinou, deixando em funcionamento apenas uma das enfermarias. O que se conseguiu salvar do edifício ainda chegou a receber obras de recuperação.

Em 1758, Sebastião José de Carvalho e Melo nomeia como arquitetos da nova planta de reconstrução da cidade Eugénio dos Santos e Carlos Mardel. Nesta planta estava também incluída a reconstrução do Hospital Real de Todos-os-Santos no mesmo local, na atual praça do Rossio. No entanto, esta intenção foi alterada e o mesmo terreno deu origem à demolição do edifício do hospital para a construção do novo ordenamento urbanístico da praça do Rossio. O hospital ainda chegou a receber obras e, em 1763, após o enfermeiro-mor Jorge Francisco Machado Mendonça ter feito um balanço das necessidades do hospital, este voltou ainda a acolher doentes em dezanove enfermarias. Contudo, esta solução não exigia a construção de um novo espaço a curto prazo.

Após o Sismo de 1755, no Reinado de D. José I, o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo inicia uma campanha contra os jesuítas em Portugal. Em 1757 envia informações a Roma, acusando a Ordem da Companhia de Jesus de incitarem a população contra o governo. Ao receber estas informações a Santa Sé suspende a Ordem da prática religiosa em Lisboa. No ano seguinte dá-se início a um processo de perseguição aos jesuítas que se agrava quando o Marquês insinua que a tentativa de morte de D. José foi provocada por membros da família Távora em *complot* com os jesuítas, dando origem ao Processo dos Távoras.

Dada a sucessão de acontecimentos, a lei de 3 de setembro de 1759 ordena a expulsão do reino e dos seus domínios os religiosos da Ordem de Jesus e os bens que estavam em seu poder são apropriados pela Coroa. Deste modo, o Colégio de Santo Antão-o-Novo é doado em carta régia de 26 de setembro de 1769 à Misericórdia de Lisboa que administrava o Hospital Real de Todos-os-Santos, para nele se instalarem as enfermarias que funcionavam num edifício temporário e, assim, se tornar no novo hospital de Lisboa. O hospital vem a ser denominado de Hospital Real de São José, em homenagem ao monarca vigente.

O edifício do Colégio de Santo Antão-o-Novo foi também fortemente atingido pelo terramoto. Todo o Colégio sofreu grandes estragos, acabando mesmo por desabar um dos dormitórios. Mas os maiores danos verificaram-se na igreja que ficou de tal forma arruinada que nunca chegou a ser restaurada, chegando a funcionar temporariamente como cemitério da paróquia do Socorro.

Após a expulsão dos jesuítas já anteriormente referida, a 27 de setembro de 1769 é nomeado encarregado das obras de adaptação a hospital José Monteiro de Carvalho. Seis anos depois, de 3 a 5 de abril de 1775, após serem realizadas as obras necessárias de adaptação do edifício a hospital, dá-se a entrada dos primeiros doentes. Em 1800 foi demolida a torre este da igreja por ameaçar ruir. O período das Invasões Francesas (1807-1811) não terá sido favorável ao progresso das obras de reconstrução do Hospital, como de resto aconteceu em toda a cidade.

A partir de 1811, quando o hospital se encontra sob a administração do enfermeiro-mor D. Francisco de Almeida Mello e Castro, Conde de Galveias e após a retirada das tropas francesas, ocorrem grandes obras de conservação e ampliação do edifício. É desta época a construção do pórtico da entrada principal do Hospital (pela Rua do Arco da Graça), um pórtico de arco abatido e fecho adornado com um motivo floral, ladeado por quatro colunas de capitéis compósitos, flanqueado por figuras alegóricas. Está representado no entablamento o escudo com as armas de D. João VI. Este monumento arquitectónico foi construído como símbolo da comemoração da derrota do general Massena e o fim das Invasões Francesas.

Logo a seguir ao pórtico encontra-se a fachada principal do edifício do antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo, de três andares. A porta principal é emoldurada de cantaria por duas colunas laterais, sobrelevada por uma pedra retangular com a representação de armas reais. D. Francisco de Almeida embeleza toda a fachada principal da entrada com a colocação de oito estátuas dos apóstolos assentes em pedestais de cantaria, feitos com material proveniente da torre este da igreja que tinha sido desmanchada. Estas estátuas encontravam-se entaipadas desde as obras após o Terramoto de 1755⁴², uma vez que pertenciam à nave da igreja do Colégio, juntamente com as outras quatro que ficaram completamente destruídas na altura do Terramoto. Apesar de algumas não estarem completamente inteiras, foram identificadas as figuras

⁴² SUCENA, Eduardo, De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José, in: *Olisipo*, S.2, nº 9, Jun. 1999, p. 23.

de S. Pedro e S. Paulo a ladear a porta principal, S. Bartolomeu, S. Marcos, S. João Evangelista e Santo André.⁴³ Também sob a administração do enfermeiro-mor Conde de Galveias é construído um chafariz que esteve em frente das ruínas da igreja. Já com D. António da Câmara como enfermeiro-mor, entre 1812 e 1818, é construído o teatro anatómico, que servia para a prática e ensino de cirurgias.

Entre 1851 e 1859 sob a administração do enfermeiro-mor Diogo de Sequeira Pinto são efetuadas obras para a construção de uma nova entrada do hospital, de forma a facilitar o acesso dos doentes. Deste modo, foram abatidas as paredes da galeria, onde anteriormente estava a enfermaria dos alienados, criando aqui a entrada maior para o hospital, com um espaço aberto, e ainda um espaço amplo para a sala de espera. No antigo pátio da enfermaria dos alienados é criado um jardim que se liga assim à porta principal do hospital.

No final do século XIX o enfermeiro-mor Curry Cabral ordena a demolição do que restava da antiga igreja do colégio, fortemente afetada pelo terramoto e que não tinha possibilidade alguma para ser restaurada. Nesse local, manda construir o edifício que vai albergar os serviços administrativos do hospital. Quando toma posse do hospital, Curry Cabral dá conta de um hospital que o próprio descreve como “medonho”, sem condições de higiene e saneamento⁴⁴. Dá-se assim início a um processo de restauro que tem como base a criação de condições de higiene e de saúde para o tratamento dos doentes e o ensino da medicina. As obras de remodelação centraram-se na instalação de uma rede sanitária e canalização. Foi ainda instalada uma central elétrica, que abrangia os vários edifícios entre eles o edifício onde se instalou a lavandaria que veio a substituir um estendal que existia a céu aberto⁴⁵.

Com a implantação da república, em 1910⁴⁶, a antiga sacristia do colégio é encerrada e é utilizada como arrecadação do hospital, voltando a ser espaço de culto nos anos 30.

⁴³ SUCENA, Eduardo, De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José, in: *Olisipo*, S.2, nº 9, Jun. 1999, p. 23.

⁴⁴ CABRAL, José Cury Da Camara, *O Hospital Real de S. José e Anexos – Desde 7 de janeiro de 1901 até 5 de outubro de 1910*, Lisboa, Typographia “A Editora Limitada”, 1915.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Nesta altura o hospital deixa de ter a designação de Hospital Real de São José, passando a ser designado por Hospital Civil de Lisboa, em conjunto de todos os hospitais da cidade que ficaram a ser conhecidos como Hospitais Civis de Lisboa. Esta designação é novamente alterada com a criação da Direcção-Geral de Saúde, voltando a existir como Hospital de São José.

A partir da década de 50 do século XX há já relatos de intervenções feitas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGMN)⁴⁷, começando com a necessidade de intervir nos depósitos de água que existiam sobre a antiga sacristia⁴⁸.

As principais intervenções feitas na sacristia entre 1959 e 1961 compreenderam a lavagem de cantarias, desmontagem dos arcazes e respetiva reparação, com a reposição das madeiras em falta. Também na sacristia foram reparados os caixilhos e os vidros das janelas, assim como as grades e portas. Procedeu-se à renovação da instalação elétrica. Foi substituída a tampa do batistério. Nas obras de construção do serviço de radiologia foram removidos os painéis de azulejos existentes na antessacristia.

Entre 1991 e 1992 foi restaurado o pavimento de mármore da sacristia. Foi também feita uma recuperação da fachada principal do edifício. Posteriormente foi restaurado o teto do Salão Nobre, financiado pela Fundação Ricardo Espírito Santo e restaurado o Pórtico dos Pessegueiros, pórtico principal, mandado construir após as invasões francesas⁴⁹.

A atual Capela do Hospital e antiga sacristia da Igreja do Convento de Santo Antão o Novo é declarada como Monumento Nacional em 1933⁵⁰ e o Edifício Principal é classificado Imóvel de interesse público em 1983⁵¹. De grande valor histórico, esta é uma das primeiras obras do barroco em Portugal.

Estamos perante um património material e imaterial de duas grandes instituições da ciência e do ensino em Portugal. O Hospital de São José herdou não só o saber de 283 anos de história do Hospital de Todos-os-Santos mas também 180 anos de História do ensino jesuíta. Por lá passaram personagens de grande importância da nossa História, como Reynaldo dos Santos, professor Sousa Martins, Francisco Gentil, Egas Moniz, entre outros.

⁴⁷ Atual Direcção Geral Do Património Cultural (DGPC).

⁴⁸ http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4048, consultado a 11-10-2016

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Decreto n.º 22 502, DG, 1.ª série, n.º 102 de 10 maio 1933, in http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4048, consultado a 11-10-2016

⁵¹ Decreto n.º 8/83, DR, 1.ª série, n.º 19 de 24 janeiro 1983, in http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4048, consultado a 11-10-2016

3.3 Outros Hospitais da Colina de Santana

3.3.1 O Hospital do Desterro

Antigo Convento de Nossa Senhora do Desterro, destinado à Ordem dos Frades Bernardinos, nunca chegou a ver a sua igreja concluída e sofre estragos provocados pelo Terramoto de 1755. Com a extinção das ordens religiosas vai passar a albergar o Hospital da Marinha e em 1857 é anexado ao Hospital de São José, passando a designar-se Hospital do Desterro. Destinado ao tratamento de doenças infetocontagiosas, destaca-se na área da Dermatoveneriologia, que deu origem a uma coleção de moldes de Cera única em Portugal, atualmente integrada no núcleo museológico do Hospital dos Capuchos⁵².

O hospital encontra-se desativado desde 2007, tendo sido comprado pela empresa *Mainside* no ano 2013⁵³.

3.3.2 O Hospital dos Capuchos

O Convento Santo António dos Capuchos começou a ser construído em 1570, sob direção de Frei Martinho, com a ajuda de donativos dos devotos. Parcialmente destruído pelo terramoto, a atual igreja maneirista é o resultado da reconstrução da Capela do Século XVI. Após a desocupação das ordens religiosas, o convento destinou-se a Asilo da Mendicidade de Lisboa. Em 1928 integra os Hospitais Civis de Lisboa, juntando edifícios da época do Convento do Asilo da Mendicidade e ainda o antigo Palácio Mello. Neste último encontra-se o Núcleo Museológico que alberga um espólio científico.

⁵² BASTOS, Cristiana, “Da anatomia à dermatologia: o corpo moldado em cera” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública* ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 115-122.

⁵³ Está prevista a criação de um projeto semelhante ao que foi promovido pela empresa em Alcântara, LX Factory, na antiga fábrica de tecidos.

Neste conjunto hospitalar, à entrada do serviço de hematologia, encontra-se um relógio de sol datado do século XVI, da altura do Convento dos Padres Recoletos da Custódia de Santo António, que se acredita ser um dos mais antigos em Portugal.

Atualmente encontra-se a funcionar neste conjunto de edifícios o Hospital de Santo António dos Capuchos, pertencente ao Centro Hospitalar de Lisboa Central.

3.3.3 O Hospital Miguel Bombarda

Antigo Convento da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, construído em meados do século XVIII, na Quinta de Rilhafoles. Após a extinção das Ordens Religiosas em Portugal, o edifício ainda funcionou como Colégio Militar. Posteriormente foi convertido no primeiro hospital psiquiátrico em Portugal, fundado pelo Duque de Saldanha em 1848 como Hospital de Alienados em Rilhafoles. O nome atual foi uma homenagem ao médico psiquiatra Miguel Bombarda, diretor do Hospital desde 1892 até 1910, ano em que foi assassinado naquele Hospital.

O vanguardista Panóptico Pavilhão de Segurança (1896), construído pelo arquiteto José Nepomuceno, único internacionalmente, foi construído como enfermaria-prisão e destinava-se a acolher os doentes que tinham cometido crimes e os doentes considerados mais agressivos. O Pavilhão de Segurança, juntamente com o Balneário D. Maria II (1853) foram classificados em 2010 como Imóveis de Interesse Público. Em outubro de 2014 também o edifício principal do Hospital, antiga casa da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, foi proposto a juntar-se ao conjunto já classificado como imóvel de interesse público⁵⁴, encontrando-se ainda em processo de classificação.

Desativado desde 2011, o edifício alberga o Museu Miguel Bombarda, único museu de Arte Outsider⁵⁵ na Península Ibérica, de que falaremos mais à frente.

⁵⁴ *Diário da República*, 2.ª série — N.º 192 — 6 de outubro de 2014.

⁵⁵ Na década de 40 do século XX Jean Dubuffet dá o nome de Arte Crua à arte livre de padrões, que vem da necessidade de artistas autodidatas, na grande maioria dos casos com perturbações mentais, de se expressarem de forma espontânea sem estarem ligados a nenhuma tendência artística. Este conceito evoluiu para Arte Outsider.

3.3.4 O Hospital de Santa Marta

Localiza-se no antigo Convento das Religiosas Clarissas da segunda regra, sob invocação de Santa Marta, fundado em 1576⁵⁶. A partir de 1910 funciona como Hospital escolar da Faculdade de Medicina de Lisboa e só em 1953 integra os Hospitais Civis de Lisboa como Hospital de Santa Marta, até hoje. A igreja do mosteiro foi considerada imóvel de interesse público em 1933, sendo um dos melhores exemplares do Maneirismo que ainda existem na cidade de Lisboa, segundo o historiador de arte Vítor Serrão.

O hospital de Santa Marta albergou o Museu dos Hospitais Civis de Lisboa – Dr. Alberto Mac Bride, primeiro museu da história da Medicina em Portugal. Atualmente encontra-se em funcionamento no edifício do convento o Hospital de Santa Marta, pertencente ao Centro Hospitalar de Lisboa Central.

3.3.5 O Hospital de São Lázaro

A história do Hospital de São Lázaro remota ao século XIII, sendo a primeira instituição médica de que há conhecimento a existir na Colina de Santana. Inicialmente conhecida como Gafaria de São Lázaro, esta instituição foi construída numa quinta em evocação a São Lázaro. Situado num ermo, aqui eram isolados os doentes leprosos, uma vez que não existia tratamento para a doença na altura. Desta instituição faziam parte: “igreja, cruzeiro, casas dos lázaros, logradouros para recreio dos doentes, enfermaria, casa dos preços do Matadouro de S. Lázaro, casa do provedor e famílias dos trabalhadores do Hospital, curral, lagar e terrenos agrícolas.”⁵⁷.

No início do século XVI é transformado em hospital para o tratamento de doentes leprosos e, mais tarde, nos finais do século XIX passa a ser administrado pelo Hospital de São José, mantendo os doentes leprosos até 1918.⁵⁸ Desde então recebeu a

⁵⁶ ALMASQUÉ, Isabel, A. J. VELOSO, *Hospitais Civis de Lisboa: História e Azulejos*, Lisboa, Inapa, 1996, p. 36.

⁵⁷ PILÃO, Célia, TACÃO, Sandra, “Lisboa, Colina de Sant’Ana: Monges, Monárquicos e Republicanos, 500 anos a tratar da saúde do povo”, in *Amazônica – Revista de Antropologia*, v.5, nº2, 2013, p. 293.

⁵⁸ *Ibidem*.

Maternidade Magalhães Coutinho e, posteriormente, os serviços de ortopedia do Hospital de São José até 2012, ano em que é encerrado⁵⁹.

3.3.6 O Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses

O atual Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) resulta da unificação dos Institutos de Medicina Legal de Lisboa, Coimbra e Porto. A origem do Instituto de Medicina Legal em Lisboa coincide com a introdução da especialidade da Medicina Legal em Portugal e o aparecimento das morgues. Segundo informação da DGPC⁶⁰, este edifício foi construído em 1937, com um projeto do arquiteto Leonel Gaia. O instituto foi estrategicamente construído na contiguidade da antiga Escola Médica de Lisboa.

Apesar de se encontrar na zona de proteção da Colina de Santana, este instituto teve a sua demolição prevista, segundo comunicado do ICOM- Portugal, em julho de 2013.

3.3.7 O Instituto Bacteriológico Câmara Pestana

Inicialmente o instituto funcionava num pavilhão anexo ao Hospital de São José. Com a crescente procura do tratamento da doença da raiva verificou-se uma necessidade de aumentar e melhorar as instalações. Em 1896, com o apoio da rainha D. Amélia, é planeado um novo complexo de edifícios a ser construído nas ruínas do Convento de Santana⁶¹.

O conjunto de edifícios do Instituto Bacteriológico consiste num complexo hospitalar inspirado na arquitetura francesa dos finais do século XIX e inícios do século XX, traduzindo-se em edifícios sóbrios e funcionais de forma a manter o máximo de

⁵⁹ www.dn.pt/portugal/sul/interior/hospital-de-sao-lazaro-fecha-ate-ao-final-do-ano-2874460.html, consultado em 15-5-2015.

⁶⁰ http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7811, consultado em 20-10-2016.

⁶¹ DIAS, José, “o Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, p.140.

higiene. Segundo a descrição do jornal *O Século*, em maio de 1900⁶², ano da inauguração, “o pavimento das áreas administrativas é em soalho corrido, enquanto nas áreas laboratoriais é em mosaico. As paredes eram duplas e ventiladas, os rodapés côncavos e as portas lisas de modo a evitar a acumulação de resíduos e bactérias”⁶³.

Parte dos edifícios foram demolidos em 1999 e em 2009, mantendo-se o edifício histórico dos laboratórios e as fachadas dos edifícios que se situam na Rua do Instituto Bacteriológico. Com intuito de preservar e expor o património deste instituto, entre outubro e novembro de 2008, houve um trabalho de investigação levado a cabo por um grupo de investigadores da Universidade de Lisboa com vista ao estudo do espólio do Instituto para posterior construção de um polo museológico.

⁶² DIAS, José, “o Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, p.143.

⁶³ *Ibidem*.

3.4 As Coleções dos Hospitais da Colina de Santana

Coleção	Edifício de Proveniência	Edifício Atual	Nº objetos inventariados	Características
Museu da Dermatologia Portuguesa – Dr. Luís Sá Penella	Hospital do Desterro e H. Santo António dos Capuchos	Hospital de Santo António dos Capuchos	319 (falta catalogar livros)	254 máscaras de cera: 92 provenientes do HSAC
				162 provenientes do H. Desterro (executadas entre 1930-40)
Coleção do Hospital Miguel Bombarda	Hospital Miguel Bombarda	Hospital Miguel Bombarda + Hospital Júlio de Matos	c. de 6000 obras de arte; c. 6000 fotografias	Arte Outsider; fotografias; material clínico; mobiliário hospitalar; arquivo clínico e administrativo
Museu dos HCL- Doutor Alberto Mac Bride	Hospital de Santa Marta	Hospital de Santa Marta	142(pequena parte da coleção) c. 2000 livros	Objetos; instrumentos; gravuras; retratos. Inclui a biblioteca de Alberto Mac Bride

Coleções do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses	Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses	Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses	(sem informação)	Máscaras de cadáveres; tatuagens; armamento; numismática e fotografia
Coleções do Hospital de São José	Hospital de São José	(Sem informação)	(sem informação)	Património azulejar
Coleções do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	c. 2930 (objetos) + c.1000 (espólio da biblioteca)	Objetos científicos, mobiliário clínico e administrativo
Núcleo Museológico do HSAC	Diversos Serviços dos HCL	Hospital de Santo António dos Capuchos	124 (só está inventariada a especialidade de oftalmologia)	Objetos de uso hospitalar
Espólio Hospital de S. Lázaro	Hospital de S. Lázaro	(sem informação)	196 (quase tudo inventariado)	Material clínico; mobiliário hospitalar

Quadro 1 – Coleções da Colina de Santana

3.4.1 O Museu Sá Penella – Coleção Dermatológica (Hospital Santo António dos Capuchos)

Encontra-se no Hospital de Santo António dos Capuchos a “Coleção de Dermatologia Portuguesa” do Museu Sá Penella.

Para falarmos do Museu Sá Penella e da sua coleção temos de recuar aos anos 40 do século XX, quando se pensou em criar hospitais com especialização em dermatologia no Porto, em Lisboa e em Coimbra. Foi então proposto pelo diretor do serviço de dermatologia do Hospital dos Capuchos, Manuel Caeiro Carrasco (1899-1968), a inclusão de um Museu de Dermatologia.

Ao contrário dos hospitais, que não vieram a ser feitos, o museu foi concretizado. Em 1955, uma sala do Hospital do Desterro foi destinada ao Museu de Dermatologia Portuguesa Dr. Sá Penella, em homenagem ao primeiro dermatologista em Portugal reconhecido nos Hospitais Cívicos de Lisboa, Luís Alberto de Sá Penella (1889-1955), antigo diretor do serviço de dermatologia e venereologia do Hospital do Desterro. Este espaço destinava-se à salvaguarda da coleção de moldes de cera sobre várias patologias dermatológicas de doentes tratados nestes hospitais⁶⁴.

Fazem parte desta coleção 254 moldes de cera: 92 provenientes do Serviço de Dermatologia do Hospital dos Capuchos, encomendadas por Manuel Caeiro Carrasco e 162 provenientes do serviço de Dermatologia do Hospital do Desterro, encomendadas por Luis de Sá Penella A única peça assinada foi mandada fazer pelo médico Álvaro Lapa ao artista ceroplástico E. Aneda, em 1920. Sabe-se que 92 foram encomendadas por Manuel Caeiro Carrasco⁶⁵, executadas por Joaquim Barreiros⁶⁶ e pintadas por Albino Cunha, entre os anos 30 e 40 do século XX. É possível que estes artistas tenham feito as restantes peças, provenientes do Hospital do Desterro, mandadas fazer por Sá Penella, possivelmente com a intervenção de outros artistas, dada a diferença das técnicas utilizadas.

⁶⁴ “Devido aos avanços das técnicas terapêuticas muitas doenças desapareceram ou são excepcionalmente raras, como a gomas sífilíticas, os estádios avançados de doença de Nicholas Favre, algumas formas de tuberculose cutânea e as alterações dermatológicas ocasionadas pela utilização de arsénico inorgânico” <http://www.chlc.min-saude.pt/content.aspx?menuid=458&eid=642&returnUrl=%2Fcontentlist.aspx%3Fmenuid%3D458> (consultado em maio de 2015).

⁶⁵ Transitaram do serviço de Dermatologia e Venereologia, quando este encerrou, em 1970.

⁶⁶ Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa e escultor da fábrica da Vista Alegre.

Sabe-se que os moldes eram obtidos diretamente do corpo humano vivo. Para isso, o corpo era coberto por uma substância não aderente e, posteriormente, com gesso. Quando seco, o gesso tornava-se o molde negativo que se cobria com uma mistura de ceras que davam origem ao modelo pretendido. Posteriormente era pintado ao pormenor para ficar o mais próximo do real. O molde era envolto num pano e identificado com o nome da patologia.

Todo este processo de criação dos moldes de cera é artisticamente admirável. Desde a mistura de ceras, à introdução de pelos e cabelos naturais tornam as peças de um híper-realismo fascinante.

Quando o Hospital do Desterro é encerrado, em 2007, o dermatologista João Carlos Rodrigues, que se preocupou com o estudo e a preservação do conjunto de moldes e, posteriormente a sua transferência para o Salão Nobre do Hospital dos Capuchos, onde se encontram atualmente. Devido à sua morte prematura, em 2008, este projeto tem vindo a ser continuado pela administradora dos Hospitais Cívicos de Lisboa e responsável pelo Museu de Dermatologia, Célia Pilão. O espaço do Salão Nobre foi dividido em “reservas visitáveis”, “exposições temporárias” e “arquivo dermatológico”, segundo António Perestrelo de Matos⁶⁷.

A coleção continua a ser estudada e algumas peças foram restauradas para que este conjunto continue a fazer parte do património nacional. No entanto, ainda não está aberto ao público geral, como era o desejo do médico João Carlos Rodrigues.

Para visitar o Museu é necessário fazer uma marcação prévia, sendo que estas visitas, por norma acontecem às quartas-feiras, das 15h às 18h, com Célia Pilão.

Faz ainda parte da coleção um fundo documental, constituído por livros e publicações periódicas, desde o século XIX a meados do século XX. Estas publicações estão relacionadas com Sífilografia, Dermatologia e outras especialidades relacionadas com as patologias que são retratadas nas ceras. Este fundo documental que fundamenta os objetos em exposição traz um complemento fundamental à coleção, valorizando-a do ponto de vista museológico em relação a outras coleções semelhantes existentes na Europa.

⁶⁷ MATOS, António Perestrelo de Matos, “Ceroplastia e dermatologia em Portugal: Sá Penella e Caeiro Carrasco” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 123-134.

3.4.2 Coleção do Hospital Miguel Bombarda

O núcleo museológico do Hospital Miguel Bombarda, tal como refere o antigo administrador do Hospital Miguel Bombarda, Vítor Freire, “não é um edifício onde se instalou um museu, o próprio edifício constitui a componente mais valiosa e emblemática do museu, enquanto surpreendente peça de arquitectura-arte”⁶⁸. Deste núcleo, designado por Pavilhão de Segurança, Enfermaria-Museu fazem parte diversas coleções, desde material clínico, mobiliário hospitalar, arquivo clínico, administrativo e forense. Inclui ainda um espólio com perto de 6000 fotografias, sendo que 1200 são fotografias de doentes, utilizadas como meio de diagnóstico da doença psiquiátrica nas primeiras décadas do século XX.

A coleção de Arte Outsider, de arte de doentes do Hospital Miguel Bombarda, conta com cerca de 6000 obras, desde pinturas, desenhos, azulejos, esculturas e textos escritos de doentes. Destacamos a obra do artista outsider Jaime Fernandes, internado durante 30 anos no Hospital Miguel Bombarda. A sua obra é reconhecida internacionalmente, tendo sido representado no Museu de Lausanne, fundado por Dubuffet e em Nova Iorque⁶⁹. Em Portugal, também a Fundação Calouste Gulbenkian lhe dedicou uma exposição.

Esta coleção é o ex-libris deste núcleo já que é única em Portugal e reconhecida internacionalmente.

Apenas uma parte da coleção do Museu Miguel Bombarda está exposta e pode ser vista no Pavilhão de Segurança. Todo o restante acervo, incluindo os documentos de arquivo, encontra-se no Hospital Júlio de Matos.

A visita a estas coleções pode ser feita às segundas-feiras e sábados, das 14.00h às 18.00h e quartas-feiras das 11.30 às 13.00h.

⁶⁸ FREIRE, Vítor Albuquerque, *Panóptico, Vanguardista e Ignorado, O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, p. 72.

⁶⁹ <http://aparteoutsider.org/>, consultado em outubro de 2016.

3.4.3 Núcleo Museológico do Hospital de Santa Marta

No Hospital de Santa Marta destaca-se a Igreja do antigo Convento de Santa Marta, que apesar de ter sofrido alguns danos com o Terramoto de 1755, mantém algumas das suas características originais, com destaque para todo o património azulejar presente.

O antigo Museu dos HCL – Dr. Alberto Mac Bride, inaugurado em 1957, pelas comemorações do 465 aniversário da fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos, esteve instalado na Sala da Biblioteca do Hospital de Santa Marta, antiga sala do Capítulo do Convento⁷⁰. Do espólio seu faziam parte objetos, instrumentos, gravuras, livros e retratos⁷¹, que se dispersaram aquando do encerramento do museu, na década de 70. Parte do espólio já foi identificada e sabe-se que estão inventariados 142 objetos, apenas uma pequena parte da coleção e catalogados cerca de 2000 livros, onde se inclui a biblioteca de Alberto Mac Bride⁷².

3.4.4 Coleções do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses

No Instituto de Medicina Legal, é-nos dada a conhecer uma valiosíssima coleção de mascaradas de cadáveres, tatuagens, coleções de armas, numismática e fotografia. Mais uma vez estas coleções são complementadas com toda a documentação associada às peças, nomeadamente às tatuagens, o que torna os objetos ainda mais interessantes. Esta será talvez a coleção que mais surpreende, tendo em conta o local onde se encontra e as histórias que estão por trás de muitos dos objetos. Existe um projeto museológico em

⁷⁰ PILÃO, Célia, “O património dos antigos hospitais de Lisboa: o que fazer com esta herança?”, in *Museologia.pt*, nº5, 2012, p.17.

⁷¹ LEONE, José, *Subsídios para a História dos Hospitais Cíveis de Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948-1990*, ed. Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os-Santos, Lisboa, 1992, 192.

⁷² Entrevista de Célia Pilão a de 9/6/2015.

curso, coordenado pelo Doutor Carlos Branco, que tem vindo a estudar as coleções do instituto⁷³.

3.4.5 Coleções do Hospital de São José

O património do Hospital de São José abrange um vasto espólio de objetos técnico-científicos que contam a história da medicina. Para além disso, também alberga um valioso património artístico, desde os painéis de azulejos do século XVIII, à antiga Sacristia da Igreja de Santo Antão, a diversas pinturas e esculturas espalhadas por vários polos do conjunto do edifício. Na antiga sacristia subsistem pinturas sobre cobre atribuídas pelo historiador da arte Vítor Serrão à escola de Pietro da Cortona (1596-1669). Em 2009 foi desenvolvido um projeto de “*Inventário do património azulejar do Centro Hospitalar de Lisboa Central*”⁷⁴ que teve como objetivo inventariar e estudar os azulejos do CHLC. Este projeto é um incentivo a que se faça o mesmo em relação a todo o património destes hospitais que está por estudar, para que se possa ser conhecido e preservado por todos.

A “Aula da Esfera” do Colégio, hoje Salão Nobre do Hospital de São José, é também considerada um grande polo europeu da história do ensino científico. Aqui se aprendeu, entre outras ciências, cosmografia, astronomia, geometria, aritmética, náutica, ótica e engenharia militar.

3.4.6 Coleções do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana

O Instituto Bacteriológico Câmara Pestana é dotado de um património científico relevante para a história da medicina laboratorial que inclui peças de laboratório, material fotográfico, livros, revistas e documentação de arquivo.

Na sequência de um projeto de investigação do Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, em parceria com os Serviços de Documentação do Instituto Câmara Pestana

⁷³ 260 máscaras de cadáveres desta coleção fizeram parte da exposição “Facis Mortis – Coleção Centenária de Cadáveres do INMLCF” no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, em abril de 2015.

⁷⁴ Nascido de um protocolo celebrado entre o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o Centro Hospitalar de Lisboa Central, com a coordenação de Rosário Salema de Carvalho.

estão etiquetadas cerca de 2500 peças de equipamento, cerca de 30 peças de médio e grande porte, cerca de 400 objetos de material fotográfico, cerca de 10 000 volumes do espólio da biblioteca.⁷⁵

3.4.7 Núcleo Museológico do Hospital Santo António dos Capuchos

O Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos constituía-se por objetos de utilização hospitalar provenientes de diversos serviços dos Hospitais Cívicos de Lisboa e funcionou desde o final da década de 90 no Palácio Mello, no HSAC. Aqui foi recriado, segundo Célia Pilão, “um hospital antigo composto pelas especialidades médicas e cirúrgicas de um hospital geral e pelos serviços de apoio necessários ao seu funcionamento”⁷⁶. Não estando aberto ao público há já alguns anos, é atualmente o espaço de reservas do património móvel do CHLC.

⁷⁵ DIAS, José, “o Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, p.151.

⁷⁶ PILÃO, Célia, “O património dos antigos hospitais de Lisboa: o que fazer com esta herança?”, in *Museologia.pt*, nº5, 2012.

4 PERSPETIVAS PARA A COLINA DE SANTANA

Na sequência da criação do Hospital de Todos os Santos, na freguesia de Marvila, zona oriente da cidade de Lisboa, são muitos os que se têm questionado acerca do destino dos edifícios onde atualmente funcionam os hospitais que fazem parte do Centro Hospitalar de Lisboa Central (CHLC), concentrados na área conhecida como Colina de Santana. Alguns destes estão já encerrados e os outros estão em vias de encerramento ao público. O conjunto de edifícios referentes aos hospitais de São José, Santo António dos Capuchos, Santa Marta e Miguel Bombarda foi comprado pela ESTAMO, empresa pública gestora de participações imobiliárias do estado, que apresentou um “projecto urbano” coordenado pela arquiteta Inês Lobo⁷⁷. As propostas apresentadas pela ESTAMO pressupõe a desativação dos hospitais da Colina de Santana em prol da função habitacional e hoteleira.

Como consequência da polémica em torno do futuro dos edifícios hospitalares, a Assembleia Municipal de Lisboa realizou um “Debate Temático sobre a Colina de Santana” entre 10 de dezembro de 2013 e 11 de março de 2014, com a possibilidade de intervenção do público. Dividido em cinco sessões, o tema central deste debate focou-se na preservação da memória daquela que é considerada a “Colina da Saúde”. Para além de alertar para a defesa e a importância da proteção, preservação e divulgação do património do conjunto hospitalar, nesta discussão é também posta em causa a necessidade de continuar a existir pelo menos um hospital em funcionamento, já que esta é uma zona central da cidade e serve um grande número de utentes.

As cinco sessões do debate foram divididas em cinco temáticas. A primeira sessão apresentou o ponto da situação, com o tema “O ponto em que nos encontramos – apresentação da situação atual e das propostas pendentes”, a segunda sessão teve como tema “O impacto das propostas no acesso da população a cuidados de saúde”, a terceira sessão dedicou-se ao “Impacto urbanístico, social e habitacional das propostas”, a quarta sessão focou-se no “Impacto das propostas na memória e identidade histórica da Colina de Santana” e por fim, na quinta sessão apresentaram-se as diversas posições em relação ao tema em debate.

⁷⁷ SILVA, Rosa Carvalho, et al., *Debate Temático sobre a Colina de Santana – Relatório final da Assembleia Municipal, Lisboa, AML – Debater Lisboa*, 2014, p. 1.

A historiadora Raquel Henriques da Silva, na sua intervenção na quarta sessão do debate temático referiu a existência de diversos espólios e coleções existentes desde o século XVIII, espalhadas pela diversas unidades hospitalares da Colina de Santana. A historiadora ressalva a importância de estudar, preservar e integrar as coleções num espaço único, considerando o Hospital de São José o mais indicado.

Por outro lado, Vítor Freire diretor hospitalar e representante da Associação Portuguesa de Arte Outsider, propôs um projeto integrado com base na arte e na Cultura, que inclui diversos núcleos museológicos e centros de investigação, criando um polo cultural dinâmico e multidisciplinar que integre os roteiros culturais da cidade. Freire sugere ainda um alargamento do museu existente no Hospital Miguel Bombarda a um “Museu de Arte de Doentes e Outsider, Psiquiatria e Ciências do Cérebro e da Mente”.

Vítor Serrão, na qualidade de historiador da arte e olissipógrafo, está envolvido em diversos projetos que promovem a valorização e a requalificação do património da Colina de Santana. Fez parte do projeto de inventário do património azulejar do Hospital de São José, subscreveu a candidatura para classificação como imóvel de interesse público dos edifícios do antigo Hospital Miguel Bombarda e defende a reavaliação dos projetos de intervenção propostos pela ESTAMO, sugerindo que é “a violação do *«espírito de lugar»* sacrificado a uma cega lógica especulativa de *«rentabilização a todo o custo»*, como se os edifícios antigos, por existirem, fossem um estorvo para os gabinetes ditos de reabilitação urbana!(...) É certo que as cidades crescem, geram dinâmicas e novos patrimónios, mas não se aceita que esse processo se faça destruindo testemunhos históricos tão relevantes, negando-lhes valia, como é o caso dos corpos hospitalares oitocentistas de Rilhafoles e Capuchos condenados pela ESTAMO ao camartelo...”⁷⁸.

A Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa apresentou à Assembleia Municipal de Lisboa três propostas para o património em risco na Colina de Santana. A primeira proposta defende a permanência dos edifícios hospitalares no domínio público e a servir a população nas áreas da saúde, da educação

⁷⁸ SERRÃO, Vítor, “O património artístico dos hospitais da Colina de Santana: imperativo de salvaguarda”, in *Colina de Santana: existem alternativas – Debate Cívico*, org. ICOMOS Portugal, ICOM Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa e Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, Lisboa, 29 março 2014.

e da cultura. A segunda proposta prende-se com a reabilitação urbana dos edifícios históricos já classificados e em vias de classificação. Por último, a terceira proposta visa a preservação do espólio dos núcleos museológicos existentes na colina, referindo-se ao Museu dos HCL-Dr. Alberto Mac-Bride, ao Museu da Dermatologia Portuguesa-Dr. Luís Sá Penella, ao Núcleo Museológico do Hospital de S. António dos Capuchos, ao Núcleo Museológico do Hospital Miguel Bombarda (Pavilhão de Segurança/Enfermaria Museu), Museu de Anatomia da Escola Médico-Cirúrgica, ao Núcleo Museológico do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana, ao Núcleo Museológico do Instituto Oftalmológico Gama Pinto e às coleções da Escola de Enfermagem Artur Ravara⁷⁹. É ainda sugerida a criação de um “Centro de Estudos de História dos Hospitais de Lisboa”⁸⁰ e um núcleo museológico no “principal hospital da Colina” que consideramos referir-se ao Hospital de São José.

Também o Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos deu um parecer acerca do “Impacto urbanístico, social e habitacional das propostas” da ESTAMO, defendendo a manutenção de um polo de investigação das Ciências da Saúde interligando os institutos de ensino e saúde da colina. Dá a entender ainda que deve ser feita a preservação do património histórico ligado com a saúde, com base num Núcleo Museológico com uma base educacional e turística, tornando-o num espaço multidisciplinar.

Como resultado do debate, surgiram diversos pontos de divergência e convergência entre as questões colocadas e as questões apresentadas, no entanto, foi unânime e consensual que o património museológico, artístico e arquitetónico necessita de ser recuperado e preservado. Em consequência da 4ª Sessão do Debate, sobre o “Impacto das propostas na memória e identidade histórica da Colina de Santana”, foram formuladas oito sugestões a serem propostas pela Assembleia Municipal:

- a) “Estruturação de um plano museológico para o Museu da Saúde com o ICOMOS, ICOM, serviços da Câmara Municipal de Lisboa e universidades para ser apresentado internamente e a nível europeu;

⁷⁹ As duas últimas instituições não são abordadas nesta dissertação.

⁸⁰ SILVA, Rosa Carvalho, et al., *Debate Temático sobre a Colina de Santana – Relatório final da Assembleia Municipal, Lisboa*, AML – Debater Lisboa, 2014.

- b) Criação de unidades museológicas com um núcleo museológico central sito no Hospital de São José, com possível designação de Museu da Saúde, com retaguarda de conservação e restauro e arquivo;
- c) Criação de um Museu de Arte *Outsider* no Hospital Miguel Bombarda;
- d) Criação de um grupo de trabalho para acompanhamento da preservação do património cultural móvel e imóvel da Colina de Santana assim como da eventual criação de um centro de interpretação ou núcleo museológico a alojar na Colina de Santana;
- e) Preservação das cercas conventuais e de todo o património de azulejos existentes nos vários hospitais;
- f) Candidatura da Colina de Santana a património mundial, na categoria de Paisagens urbanas, históricas, criada pela UNESCO;
- g) Realização de um Referendo Local sobre a Colina de Santana.”⁸¹

Um dos triunfos do “Debate Temático sobre a Colina de Santana” foi a já anteriormente referida candidatura a classificação como imóvel de interesse público dos edifícios do antigo Hospital Miguel Bombarda, sendo aprovado em outubro de 2014 o processo de classificação do edifício principal do Hospital Miguel Bombarda como Imóvel de Interesse Público pela Direcção Geral do Património Cultural. Integra-se assim no conjunto de interesse público o Pavilhão de Segurança e o Balneário de D. Maria II, já classificados como Conjunto de Interesse Público desde 2010.

Sobre a situação atual, em termos de organização museológica, das coleções do património hospitalar sob tutela do Centro Hospitalar de Lisboa Central, o testemunho de Célia Pilão⁸² permitiu-nos saber que “está a ser inventariado o património científico móvel destes hospitais” contando com o apoio, não só de investigadores, mas também de voluntários. “Este inventário começou pelo espólio das três coleções que durante os últimos cem anos constituíram núcleos museológicos”. São estes núcleos o Museu de Dermatologia Portuguesa – Luís Sá Penella, o Museu dos HCL – Doutor Alberto Mac Bride e o Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Tendo em vista todo o processo de inventariação do património artístico e científico e, sabendo que o CHLC não possui profissionais qualificados a realizar esta

⁸¹ SILVA, Rosa Carvalho, et al., *Debate Temático sobre a Colina de Santana – Relatório final da Assembleia Municipal, Lisboa*, AML – Debater Lisboa, 2014, p.45.

⁸² Testemunho obtido através de entrevista realizada em junho de 2015.

intervenção, foram desenvolvidos protocolos e parecerias com instituições de ensino e investigação. Em 2009, celebrou-se um protocolo com o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, para a inventariação dos bens histórico-científicos e com IHA-FLUL, que procedeu ao inventário do património azulejar do CHLC. Concluído em 2013, o projeto de investigação científica apresentado à FCT pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, intitulado “A Ciência, a clínica, e a arte da Sífilis no Desterro (1897-1955)”, contribuiu para o estudo da coleção de dermatologia do Desterro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o objetivo primordial de um museu, desde os museus do século XVIII, é conservação e a preservação de objetos. No entanto, a posse dos objetos não é o fator mais importante da sua função, o que realmente importa é a história desses objetos e o que se consegue transmitir ao público através deles. Os objetos perdem o seu significado se não forem compreendidos pelos observadores no espaço em que são enquadrados⁸³. Para isso é importante que sejam estudados, para que possam ser compreendidos como um testemunho do passado e possam transmitir uma mensagem de memória ao visitante do museu.

É importante que as peças em exposição num museu tenham impacto nos valores e no conhecimento dos seus visitantes. Tony Bennett diz que, neste sentido, os museus são como “laboratórios físicos” que fazem com que os valores cívicos dos visitantes se alterem e cresçam com o conhecimento adquirido⁸⁴.

No entanto, nem todos os objetos têm de ser preservados e expostos. Em “Objects of Knowledge”, Ludmilla Jordanova refere: “to analyse medical museums within which trophies were displayed from a historical perspective, it is necessary to ask about their uses and proposes, about the interests they serve.”⁸⁵. Ou seja, no caso específico dos museus de medicina, tem de existir um critério de seleção que se prende com a importância que o objeto teve ou tem numa determinada época ou numa área específica da medicina e o impacto que pode ter perante o observador.

A relação entre a arte e a ciência é uma forma de inovação e de atração de um público mais abrangente, para que não seja apenas direcionado a investigadores e profissionais da medicina. Para isto é importante que a equipa do Museu seja constituída por profissionais com formação em diversas áreas profissionais complementares, ao nível das ciências médicas, da museologia e da investigação histórica.

⁸³ GURIAN, Elaine Heumann, *What is the Object of this Exercise? A meandering exploration of the many meanings of Objects in museums?*, Daedalus (summer), 1999, p.171.

⁸⁴ BENNETT, Tony, *The Birth of the Museum. History, Theory, Politics*, London, Routledge, 1995.

⁸⁵ JORDANOVA, Ludmilla, “Objects of Knowledge: a Historical Perspective on Museums” in *The New Museology*, ed. Peter Vergo, London, Reaktion Books, 1989, p.32.

É interessante saber o que leva à criação deste tipo de museus, quais são os seus objetivos, e até que ponto é possível articular a objetividade da medicina com a subjetividade da arte no mesmo espaço. Importa ainda saber quem são os principais públicos que podem ser atraídos por este tipo de museu e qual a importância do seu papel na comunidade em que se insere.

Assim, no caso em estudo, é essencial ponderar a criação de um ou mais espaços museológicos que se destinem a preservar o património, a memória e a história daquela que é conhecida como a “Colina da Saúde”, que reúnem os espólios dispersos de forma a serem exibidos ao público.

A representação cultural de património envolve experiências e sentimentos de um grupo social que busca uma representação simbólica do que o distingue de outros grupos, através da reconhecimento do passado. O património assume-se, assim, como uma forma de proteção da identidade, funcionando como uma espécie de registo da história do passado de um povo, e deve ser preservado à imagem dos valores que representa para a identidade histórica de uma comunidade. O património arquitectónico de uma cidade constitui uma herança cultural coletiva, é o grande testemunho do legado da sua história – é através dele que conseguimos fazer a ligação entre o passado e o presente da história de uma coletividade, razão pela qual a sua preservação e valorização são tão importantes. Para o filósofo alemão Herder, “o que dá valor a uma cultura não é a sua maior ou menor proximidade com um modelo dominante, mas pelo contrário, a sua originalidade e a autenticidade”⁸⁶. Deste modo, a criação de identidades e o valor que se atribui ao património são processos complexos, dependentes de um enquadramento socioeconómico e geográfico, de condicionalidades históricas e políticas, em função dos valores e heranças culturais de um grupo social. O museu surge assim, por excelência, como um espaço de memória, identidade e representação do passado, onde se procura dar continuidade ao sentimento de pertença através dos objetos musealizados que se pretende transformar em bens culturais seguindo os valores predefinidos.

Apesar de nos últimos anos, desde que os hospitais da Colina de Santana foram adquiridos pela ESTAMO, muito já se ter feito em virtude da inventariação e do estudo

⁸⁶ Citado por THIESSE, Anne-Marie, *A Criação das Identidades Nacionais*, Lisboa, Temas e Debates, 2000, p.40.

deste conjunto patrimonial, ainda há muito por estudar, para que esta herança possa ser transformada num lugar onde a história da medicina, do ensino e a arte se unem. Só após o estudo intensivo de todo o património imóvel, móvel, material e imaterial deste espaço se poderá avaliar os potenciais objetos que poderão vir a fazer parte, quem sabe, de um futuro espaço museológico na Colina de Santana, para que este património possa ser conhecido e valorizado por todos.

O património só se torna conhecido do público quando há uma interpretação feita que lhe é transmitida. Só assim é que o público poderá conhecer e ter vontade de preservar a memória do património para as gerações vindouras.

Consideramos que um museu de medicina deve ser mais do que um espaço de exposição de equipamentos cuja compreensão e interesse só será sensível para aqueles que lidam com eles diretamente. Tal como nos sugere Marc Guillame “Cada objecto de uma colecção é singular; desejado, procurado, adquirido ou obtido por si mesmo. Se possível, ele deve ser autêntico, único, perfeito. Mas ao mesmo tempo, ele só encontra sua significação essencial na série onde se insere. Se ele é único no universo dos objectos, ele é, a outro nível, intercambiável com todos os outros objectos da colecção.”⁸⁷. Para que isto aconteça é necessário haver uma dialética entre o elemento e o espaço em que se insere. Isso só é possível com a presença de um trabalho de equipa multidisciplinar, que possa traduzir o significado do objeto e oferecer aos seus visitantes uma explanação que correlacione o espaço com o objeto exposto.

Podemos afirmar que a maior parte destes museus surgem a partir de coleções universitárias, objetos obsoletos – mas que carregam o peso da história da medicina –, acervos de hospitais desativados e coleções particulares. Em relação aos seus objetivos e público-alvo, estes destinam-se principalmente ao complemento do ensino da prática da medicina, sendo a maioria dos seus visitantes estudantes e profissionais de saúde. Ligado ao ensino da anatomia humana, o primeiro museu de medicina em Portugal terá sido o Gabinete Anatómico da Escola do Porto, em 1837. Ainda com a mesma função, está atualmente instalado no Hospital de S. João do Porto. Em Lisboa, surgiram tentativas de construir um museu ligado à FMUL, com objetivo de reunir os vários

⁸⁷ GUILLAUME, Marc, *A Política do Património*, Porto, Campo das Letras, 2003, p. 57

acervos da instituição, com um programa museológico que visa a ligação entre a arte e a medicina. No entanto, esta ideia não se concretizou em espaço físico⁸⁸.

Os museus de saúde são ainda raros em Portugal. Apesar de o acesso ao público não ligado à saúde ser limitado, existe uma potencialidade turística nestes museus, dado que a temática das ciências médicas, das doenças e exposição do corpo humano ligado a temas mais impressionantes atraem o público. Esta potencialidade pode ser explorada através da aplicação de uma programação museológica interdisciplinar.

Com esta investigação conseguimos perceber que existem diversas coleções e museus na Colina de Santana de grande valor artístico e científico, como é o caso do Museu de Dermatologia Dr. Sá Penela e do Museu Miguel Bombarda. No entanto, estes carecem de um discurso museológico adequado. Para que isso seja concretizável é necessário que exista um reforço e uma reestruturação da função dos museus existentes e da sua programação, através da criação de equipas especializadas e, se necessário, criação de parcerias entre as instituições que os tutelam e a autarquia. A criação de parcerias com outras instituições é também importante para que se continue a investigar as coleções.

Com a realização do Quadro 1, onde foi feita um síntese das coleções da existentes na colina, é possível compreender que uma grande parte dos espólios estão já inventariados e catalogados, sendo de destacar as coleções do Museu de Dermatologia Portuguesa – Dr. Luís Sá Penela, do Hospital Miguel Bombarda, do Hospital de São Lázaro⁸⁹. No entanto, em relação às coleções do Hospital de São José e do INMLCF, não nos foi possível recolher informação suficiente relativa ao espólio existente.

Analisando o debate temático sobre a Colina de Santana, vimos ser possível assumir o Hospital de São José como herdeiro não só do conhecimento de 283 anos de história do Hospital de Todos-os-Santos, mas também de 180 anos de História do ensino jesuíta do Colégio de Santo Antão. São mais de 500 anos de história do ensino e da saúde. Estamos perante um património material e imaterial de duas grandes instituições da ciência e do ensino em Portugal. Consideramos que continua a existir, no entanto, uma necessidade urgente de estudar e inventariar todo o património móvel e

⁸⁸ ALVES, Manuel Valente, “O projecto do Museu de Medicina, Faculdade de Medicina” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, p.68.

⁸⁹ Páginas 30 e 31.

imóvel que está ainda disperso, antes de haver uma intervenção arquitectónica aos edifícios. Contudo, tendo em conta o contexto económico e político em que nos encontramos, há uma forte resistência a concretização do projeto de museu. Pesa também o facto de ser necessário o estudo intensivo e a inventariação e catalogação de todo o espólio científico e artístico da Colina que está ainda por conhecer.

Pretendemos que esta dissertação seja útil para investigações futuras sobre a Colina de Santana, as suas coleções e os museus de saúde. Esperamos ainda que seja um bom ponto de partida para a criação de um museu para a Colina de Santa.

6 FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes:

BOAVENTURA, Inês, “Assembleia Municipal recusa fecho de hospitais na Colina de Santana sem alternativa”, in *Público*, nº 8748, 26 março 2014, p. 24

BOAVENTURA, Inês, “No debate sobre o futuro da Colina de Santana foram muitas as vozes contra o fecho dos hospitais”, in *Público*, nº8645, 11 dezembro 2013, p. 16

CABRAL, José Cury Da Câmara, *O Hospital Real de S. José e Annexos – Desde 7 de Janeiro de 1901 até 5 de Outubro de 1910*, Lisboa, Typographia “A Editora Limitada”, 1915

LEAL, Joaquim José Leal, *Epítome dos melhoramentos estabelecidos desde 1851 a 1859 no Hospital de S. José e Annexos pela administração dos mesmos hospitais*, Lisboa, Imprensa Commercial 1860

LEONE, José, *Subsídios para a História dos Hospitais Civis Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948- 1990*, Lisboa, Ed. da Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os-Santos, 1992

MAC-BRIDE, Alberto, “Actualidades – A História da Medicina em Portugal”, in *A Medicina Contemporânea*, Ano 30, nº7, Fevereiro 1912

MATOS, José Sarmiento, “Colina de Sant’Ana: realidades e equívocos”, in *Público*, nº 8540, 28 agosto 2013, p. 46

PILÃO, Célia, “Uma rota do património da saúde na Colina de Sant’Ana”, in *Pedra & Cal*, nº 46, 2010, pp. 4-6

PILÃO, Célia, “O património dos antigos hospitais de Lisboa: o que fazer com esta herança?”, in *Museologia.pt*, nº5, 2012, pp.10-23

PILÃO, Célia, TACÃO, Sandra, “Lisboa, Colina de Sant’Ana: Monges, Monárquicos e Republicanos, 500 anos a tratar da saúde do povo”, in *Amazônica – Revista de Antropologia*, v.5, nº2, 2013, pp. 288- 306

RODRIGUES, J. Delgado, “Colina de Santana: Onde estão as alternativas?” in *Público* nº 8763, 10 abril 2014, p. 44

SERRÃO, Vítor “Os antigos hospitais da Colina de Santana: um caso de irreparável depauperamento do património”, in *Público*, nº8513, 1 agosto 2013, p.46

SERRÃO, Vítor, “O património artístico dos hospitais da Colina de Santana: imperativo de salvaguarda”, in *Colina de Santana: existem alternativas – Debate Cívico*, org. ICOMOS Portugal, ICOM Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa e Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, Lisboa, 29 março 2014.

SILVA, Manuel Cesário d'Araújo e, *O Hospital de S. José, e Anexos em 1853*, Typ. Da Imprensa, Lisboa, 1853

SILVA, Rosa Carvalho, et al., *Debate Temático sobre a Colina de Santana – Relatório final da Assembleia Municipal, Lisboa, AML – Debater Lisboa*, 2014, acessível em: <http://www.am-lisboa.pt/documentos/1404671977I4aOU6sw9Cv06HX4.pdf> [consultado a 8 de maio 2015]

Bibliografia:

Museus de Medicina

ALVES, Manuel Valente, “O projecto do Museu de Medicina, Faculdade de Medicina” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, pp.57-68

ALVES, Manuel Valente, “O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa”, in *Circulação*, ed. Manuel Alves e António Barbosa, Lisboa, Museu de Medicina da FMUL, 2004, pp.15-19

ALVES, “Gabinete de Anatomia”, in Manuel Valente Alves, *Gabinete de Anatomia – Arpad, Vieira e os desenhos anatómicos do Museu de Medicina*, Lisboa, Museu de Medicina da FMUL/ Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, 2011

BARBOSA, Regis, SIMÕES, Sara, “Arte e património face a face com o esquecimento: o hospital Miguel Bombarda”, in *Anuário do Património*, nº 2, Lisboa, 2014, p. 38- 39

BASTOS, Cristiana (ed.), *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011

BASTOS, Cristiana, “Da anatomia à dermatologia: o corpo moldado em cera” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública* ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 115-122

COSTA-SACADURA, *Sebastião da, Uma obra social que se impõe – O valor espiritual de um museu de História da Medicina*, Lisboa, Imp. Africana, 1945

CID, Felip, *Museologia Medica: Aspectos Teóricos y Cuestiones Práticas*, Bilbao, Museu de Historia de la Medicina e de la Ciencia, 2007

CASCAIS, António Fernando (org.), *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal*, Lisboa, CECL/ UNILEYA, 2014

DELICADO, Ana, “Os Museus e a promoção da cultura científica em Portugal”, *Sociologia Problemas e Práticas*, nº51, 2006, p. 53-72, acessível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n51/n51a04.pdf>

DELICADO, Ana, *A Musealização da Ciência em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009

DELICADO, Ana, “Museus de Medicina em Portugal” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 103-113

DIAS, José, “o Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial” in *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*, ed. Marta Lourenço e Maria João Neto, Lisboa, Universidade de Lisboa/ Tinta-da-China, 2011, pp.137-154

FARIA, Sónia Castro, *O objecto e os Museus de Medicina*, Dissertação de Mestrado em Museologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009

FERNANDES, Joana Pires, “A Compreensão dos objectos visuais enquanto entidades museológicas: Uma reflexão a partir do museu da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra” in CASCAIS, António Fernando (org.), *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal*, Lisboa, CECL/ UNILEYA, 2014

FREIRE, Vítor Albuquerque, *Panóptico, Vanguardista e Ignorado, O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009

JORDANOVA, Ludmilla, “Objects of Knowledge: a Historical Perspective on Museums” in *The New Museology*, ed. Peter Vergo, London, Reaktion Books, 1989, pp.22-40

MATOS, António Perestrelo de Matos, “Ceroplastia e dermatologia em Portugal: Sá Penella e Caeiro Carrasco” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp. 123-134

MATOS, António Perestrelo de Matos, “A intervenção museológica na colecção de moldagens – inventariação, conservação e exposição” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp.135-138

NETO, João, 2000, “História do Museu da Farmácia: o início”, in *Museu da Farmácia – Farmácia Portuguesa, 5000 de história da saúde*, ed. ANF, Lisboa, ANF, pp.8-15

RIBEIRO, Conceição, “Conservação e restauro de catorze ceras dermatológicas pertencentes à colecção Desterro – Capuchos” in *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*, ed. Cristiana Bastos, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011, pp.139-148

Colina de Santana

ALMASQUÉ, Isabel, A. J. VELOSO, *Hospitais Civis de Lisboa: História e Azulejos*, Lisboa, Inapa, 1996

CAEIRO, Baltazar Matos, *Os Conventos de Lisboa*, Lisboa, Distri Editora, 1989

CARVALHO, A. Ayres de, *D. João V e a Arte do Seu Tempo*, Vol. II, Lisboa, ed. do autor, 1962

LEONE, José, *Subsídios para a História dos Hospitais Civis de Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948-1990*, ed. Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os-Santos, Lisboa, 1992.

MATOSO, António, *Hospital de São José – Roteiros do Património*, Lisboa, CHLC, 2012

PENEDO, Jorge (dir.), “*Omnia Sanctorum*” – *Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e seus sucessores*, Lisboa, co-edição By The Book e Centro Hospitalar de Lisboa Central, 2012

SALTA, Ana Maria. *Factores Estruturantes da Colina de Santana em Lisboa, séculos XIV a XVII*, Dissertação de mestrado em Desenho Urbano, Lisboa, ISCTE, 2001

SALTA, Ana Maria, *Rua da Inveja*, Lisboa, Edições Colibri, 2013

SUCENA, Eduardo, “De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José”, in: *Olisipo*, 2ª Série, nº 9, Jun. 1999, pp.19-33

Conceitos e Metodologias

BENNETT, Tony, *The Birth of the Museum. History, Politics*, London, Routledge, 1995.

COSTA, António Firmino da, *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais de identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora, 1999

CHOAY, Françoise, *A alegoria do património*, Lisboa, Edições 70, 2008

GUILLAUME, Marc, *A Política do Património*, Porto, Campo das Letras, 2003

LE GOFF, Jacques, “Documento/Monumento”, in *Enciclopédia Einaudi*, v.1 Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 95-106

THIESSE, Anne-Marie, *A Criação das Identidades Nacionais*, Lisboa, Temas e Debates, 2000

Webgrafia:

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4048

<http://www.museudemedicina.fm.ul.pt>

<http://aparteoutsider.org/>

<http://museudasaude.inwebonline.net/>

<http://www.chlc.min-saude.pt/>

<http://museumaximianolemos.med.up.pt/>